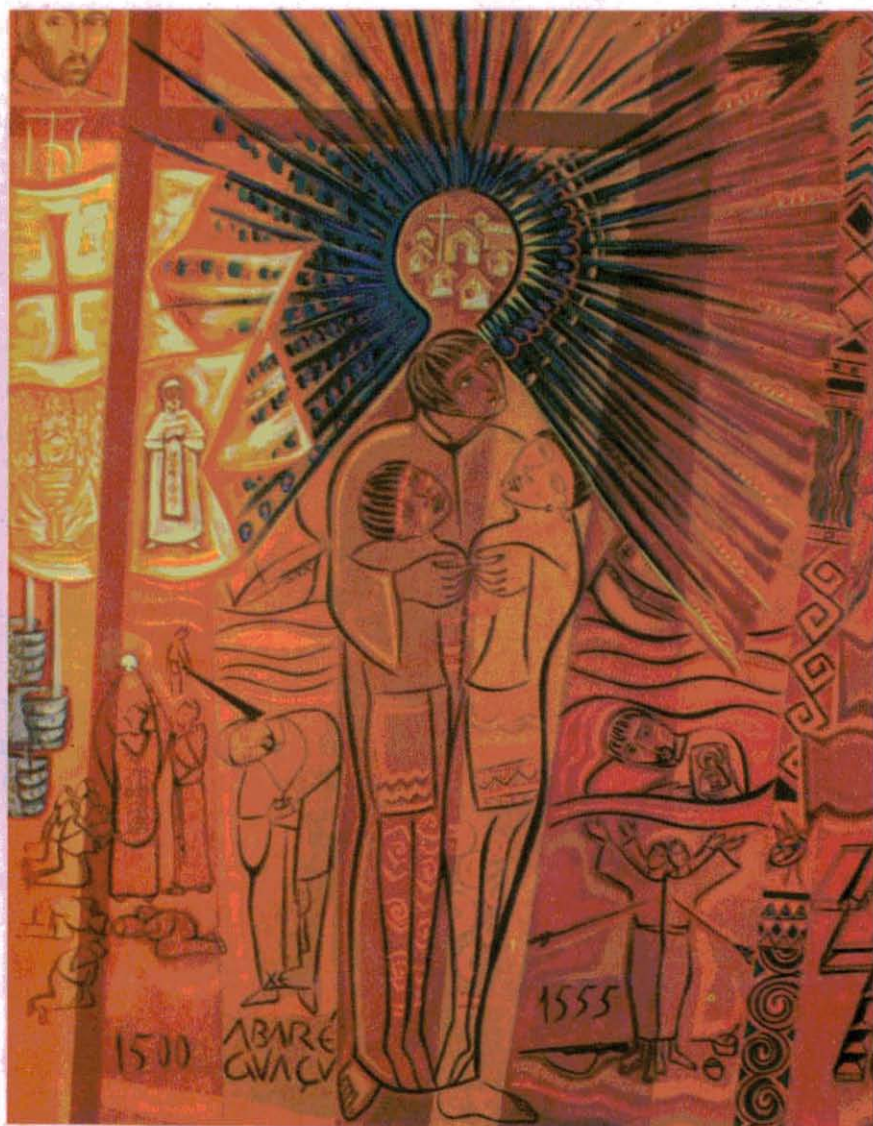


convergência

SET — 1991 — ANO XXVI — Nº 245



**A IGREJA NA AMÉRICA LATINA
FRENTE AOS DESAFIOS PASTORAIS DA
NOVA EVANGELIZAÇÃO NO TERCEIRO MILÊNIO**

Dom Luciano Mendes de Almeida — página 412

CONVERGÊNCIA

Revista da
Conferência
dos Religiosos
do Brasil: CRB



Diretor-Responsável:

Pe. Edênio Valle, SVD

Redator-Responsável:

Padre Marcos de Lima, SDB

(Reg. 12.679/78)

Equipe de Programação:

Pe. Ático Fassini, MS

Pe. Cleto Caliman, SDB

Ir. Delir Brunelli, CF

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Direção, Redação, Administração:

Rua Alcindo Guanabara, 24 - 4º / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299 / 20031 RIO DE JANEIRO - RJ.

Assinaturas para 1991

Brasil, taxa única:

terrestre ou aérea..... Cr\$ 4.600,00

Exterior: marítima..... US\$ 38,00

aérea..... US\$ 48,00

Número avulso..... Cr\$ 460,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição: Linolivre S/C Ltda., Rua Dr. Odilon Benévolo, 189 - Benfica - 20911 Rio de Janeiro, RJ.

Fotocomposição: Estúdio VM - Composições Gráficas, Ltda., Rua Escobar, 75, s. 202 - São Cristóvão - 20940 Rio de Janeiro, RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 - Centro - 25685 Petrópolis, RJ.

Nossa Capa

Detalhe do mural de Claudio Pastore '500 Anos de Evangelização do Brasil', em Vila Kostka, Itaipu, SP. Eis como o descreve o Pe. J. Ramón F. de la Cigüña em seu livro 'Arte em Itaipu': "No século XVI a figura-destaque é a do Pe. José de Anchieta (chega ao Brasil em 1553 e morre em 1597), abraçando, fraternalmente, a dois índios: Tibirica e Caiubi, batizados pelos primeiros jesuítas. A Evangelização autêntica acolhe o diverso. Anchieta abraça os dois índios como abraçando todo o Brasil. A glorificação de Anchieta, simbolizada pelo cocar indígena e um aldeamento (fundação de São Paulo), é a causa do índio. Três belos pássaros "guarás" são lembrados, pois a tradição diz que eles, com suas asas, faziam sombra ao grande missionário, quan-

do este caminhava pelas praias sob um sol escaldante. Embaixo aparece a Primeira Missa no Brasil com os franciscanos à sombra da grande cruz. Aliás, a Cruz é outro símbolo fundamental retomado pelo artista diversas vezes. Não esqueçamos que o Brasil é a "Terra de Santa Cruz". Perto aparece a figura do primeiro bispo do Brasil (diocese de Salvador) dom Pero Fernandes Sardinha, o "Xe Abaré Guacú", que, em tupi, quer dizer "eu pai grande", isto é, bispo. O seu mandato foi muito curto. Pedido pelo Pe. Nóbrega ao Rei dom João III de Portugal, logo implicou com os métodos catequéticos dos jesuítas por serem muito adaptados à realidade concreta do índio. Ele achava que a catequese tinha de ser mais "européia". Quando voltava para Portugal sua nave naufragou e chegando à praia os índios o mataram com uma foice francesa e, depois, o devoraram. Na data de 1555 surgem os primeiros mártires do Brasil, dois irmãos jesuítas, Pero Corrêa, grande senhor e antigo escravagista de índios (convertido depois de ouvir um dos sermões do pobre Leonardo Nunes) e João de Souza, cozinheiro, que foram flechados. Acima aparece o martírio do Beato Inácio de Azevedo, segurando seu quadro da Virgem Maria, quando foi afogado no mar com mais 39 companheiros jesuítas em 1570, pelos huguenotes (calvinistas)".

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o n.º 1.714-P.209/73.

SUMÁRIO

EDITORIAL..... 385

INFORME DA CRB..... 387

O DOCUMENTO "DIÁLOGO E ANÚNCIO" EM RELAÇÃO COM A ENCÍCLICA REDEMPTORIS MISSIO..... 407

A IGREJA NA AL FRENTE AOS DESAFIOS PASTORAIS DA NE NO TERCEIRO MILÊNIO D. Luciano Mendes de Almeida..... 412

"MOMENTO NOVO": CARTA PASTORAL DOS BISPOS DE MOÇAMBIQUE..... 422

INTERPELAÇÕES À VR APOSTÓLICA E À IGREJA NA EUROPA A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA DE TERCEIRO MUNDO. QUE COUSA A VR DO TERCEIRO MUNDO PEDE À VR DA EUROPA? Marcello de C. Azevedo S. J..... 435

EDITORIAL

"UM DINAMISMO SEM FRONTEIRAS"

João Paulo II constatava, na Carta aos Religiosos(as) da A.L., uma "inquietação apostólica" da V. R. quanto à "necessidade e à disponibilidade para evangelizar fora ... das fronteiras". E concluía pedindo à V. R. latino-americana uma presença mais forte nas demais Igrejas do mundo, com **"um dinamismo sem fronteiras"**. (n.º 29 da Carta de 29 de junho de 1990).

Felizmente, a V. R. brasileira atesta, com números e fatos, o crescimento de sua consciência missionária, dentro de um sopro missionário maior que perpassa a Igreja do Brasil. Prova insofismável disto é a presença de mais de 900 Religiosos e Religiosas brasileiros em países da A. L., da África e da Ásia.

A recente Encíclica **"Redemptoris Missio"** e o Congresso Missionário Latino-americano (COM-LA IV) em Lima, Peru, são dois veementes apelos a todos nós para assumir com maior vigor ainda esta vocação constitutiva da Igreja de levar até os confins da terra a mensagem do Evangelho.

Avizinhando-se o **mês das missões, Convergência** selecionou alguns artigos orientados para a

superação de uma concepção "paróquializada" da V. R. Se, de um lado, a V. R. na A. L. está redescobrimdo a necessidade de inserir-se na Igreja particular e de assumir a condição efetiva do pobre, em sua situação e em seu mundo cultural, de outro, levada pelo mesmo dinamismo do Espírito, ela é chamada a olhar mais para lá das fronteiras de nosso país, ousando "dar de sua pobreza" aos outros países aos outros povos-irmãos. Nesta direção apresentamos um pequeno texto publicado pela Congregação para a Evangelização dos Povos. Nele são correlacionados o documento **"Diálogo e Anúncio"** (sobre o diálogo com as Religiões não cristãs) e a **"Redemptoris Missio"** de João Paulo II. O segundo artigo é de Dom Luciano Mendes de Almeida, SJ, ilustrando os desafios que a Nova Evangelização levanta à América Latina.

A presença da África, com suas esperanças e tensões, nós é trazida por um texto recente do episcopado de Moçambique. A derrocada do socialismo real abriu perspectivas e criou exigências novas para os povos e as Igrejas africanas. A análise da situação moçambicana ilustra bem a situação da nova África.

O último artigo é da lavra do Pe. Marcello C. de Azevedo, SJ. O artigo nos leva a considerar a Europa e sua Vida Religiosa, matriz da qual herdamos a nossa, que estamos tentando reconstruir de maneira mais encarnada em nossa realidade.

Trata-se de uma palestra do autor preparada para a Assembleia dos Superiores Maiores da Europa.

Na secção de "Informes", trazemos dois subsídios para uma melhor compreensão da situação

na A. L. Um, de Dom Pedro Casaldáliga, resumindo o que viu em sua última viagem à América Central, discute as "grandes causas" que estão em jogo nesta que é talvez a mais sofrida porção do Continente. O relatório do que foi o Encontro da Vida Religiosa Inserida dos 5 países do **Cone-Sul** complementa a longa viagem missionária a que este número de "**Convergência**" convida a V. R. do Brasil.

Pe. Edênio Valle, SVD

Presidente Nacional da CRB

O homem é o protagonista

O progresso de um povo não deriva primariamente do dinheiro, nem dos auxílios materiais, nem das estruturas técnicas, mas sobretudo da formação das consciências, do amadurecimento das mentalidades e dos costumes. O homem é que é o protagonista do desenvolvimento, não o dinheiro ou a técnica, *Redemptoris Missio*, nº 58.

Dúvida: carência e excesso

Bíblia — "Ao ver Jesus, prostraram-se diante dele. Alguns, porém, duvidaram", Mt 28, 17.

Leitor — A dúvida é, paradoxalmente, uma falta, uma carência, um vazio. E, também, um excesso, uma sobra. Falta total de fé. A dúvida é a morte da fé. Quem duvida não crê. A fé é certeza inabalável. É afirmação inconcussa. A dúvida é falta de percepção maior da prática de Jesus que vence a morte e a alienação. E a dúvida é um excesso também. Excesso de medo do risco e do comprometimento com Jesus. Esta sobra de medo é um 'stumbling block' que bloqueia a tarefa de testemunhar (*Pe. Marcos de Lima, SDB*).

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

ENCONTRO DE RELIGIOSOS INSERIDOS (GRIMPO) CONE SUL

Santiago do Chile (1991)

Partimos — Fr. Eduardo Metz, OFM e eu da Rodovlária Tietê, dia 1º de janeiro às 18h, rumo a Curitiba onde encontramos o Ir. Cláudio Briand. De lá, seguimos, às 2h da manhã, para a Argentina, onde chegamos no dia 3. Fomos acolhidos pelas Irmãs da Assunção. No dia 5, rumamos para o Chile. Por falta de passagens, fomos para Mondoza, Norte da Argentina, e lá pegamos um "micro" para o Chile. Chegamos ao Chile no domingo, dia 6. Neste mesmo dia, à tarde, nos levaram para participar duma celebração de despedida do vigário de uma periferia. Foi uma verdadeira festa...

O encontro do GRIMPO começou na segunda-feira. Éramos ao todo 50 participantes: 38 do Chile, 3 da Argentina, 5 do Brasil, 2 do Paraguai e 2 do Uruguai.

1 — 1º DIA —

REALIDADE E DESAFIOS

1. Foi-nos apresentado a pauta do encontro e o assessor geral, Ronaldo Muñoz. Após a oração, tivemos o pri-

meiro expositor: Pe. Gonzalo Arroyo S.J. que falou sobre a realidade da AL em mais ou menos uma hora. Seguiu-se um cochicho para fazer algumas perguntas para ele. Eis um resumo de sua colocação:

O sistema está organizando em blocos econômicos. Por maior potência que seja um país, ele não agüenta muito sozinho. Daí a tendência à organização em blocos. Estamos terminando uma era. Há países que não podem crescer economicamente. Estamos vivendo mudanças profundas: é a era da tecnologia. Há também mudanças culturais. As grandes empresas tendem a desaparecer. Já existem blocos de pequenas empresas. A jornada de trabalho também vai mudar por causa da tecnologia. Os operários serão contratados por determinado tempo. Estamos a caminho do Neo-liberalismo. Vale a pena apoiar esses modelos? Seria necessário uma mobilização geral para que o povo pudesse escolher seu modelo.

2. Nesse mesmo dia, tivemos outro expositor, Luís Maira, com a mesma dinâmica de trabalho. É um ex-exilado e foi o coordenador da campanha do "NÃO".

Houve mudanças profundas na AL mas ela ainda não chegou a construir

seu projeto político. O que está pensando a AL das mudanças mundiais, desse mundo, construído pelos vencedores da última guerra? Nossa história é cheia de tentativas de independência social, mas...

Hoje, produz-se pouca mudança social e muita mudança tecnológica. A AL tem que pensar seu próprio destino e o povo tem o direito de propor seus caminhos. Temos que assumir a aventura de construir uma AL mais livre. Os projetos atuais favorecem uma minoria elitista e só fazem crescer a pobreza e a miséria do povo. Este nosso projeto está para ser construído, discutido, participado. O povo tem que saber para que servem o exército, a aeronáutica, etc. O primeiro passo para organizar esse projeto é reorganizar os movimentos populares: mulheres, jovens, negros, trabalhadores... que estão vivendo um momento de baixa.

3. Nesta manhã, tivemos ainda um terceiro expositor, Fernando Castilho falando sobre a realidade da Igreja da AL.

A Igreja não é um bloco monopolítico, por isso há tensões entre os vários modelos da Igreja entre nós. Nossa atuação é no sentido de uma Igreja que deseja ser "Igreja dos pobres". Esse é o passo que demos nos últimos anos. Os pobres têm identidade própria. São negros, índios, camponeses. Uma Igreja solidária, que busca determinada prática social, que compartilha seus problemas, busca uma coisa básica: a vida e a solidariedade com os direitos humanos. Essa Igreja dos pobres, é

também Igreja-comunidade, lugar de reflexão da palavra, espaço onde os leigos sejam protagonistas. Lugar onde eles se organizam para mudar a situação, onde eles aprendem tanto a linguagem política quanto a interpretação bíblica, a oração. Comunidade que reflete sobre a educação popular, a participação da mulher, cujo papel fundamental e majoritário é reconhecido. Dentro de um mundo de conflito, sabemos que essa Igreja cresce e que essa maneira de ser e viver está questionando e refazendo a instituição.

4. Na parte da tarde, em grupos, refletimos como se manifestam essas características em nossa realidade local. Como cada país vê a VRI (sinal e ante-sinal do Reino).

Desafios ante a realidade atual do Cone Sul da AL

a) Ante as mudanças sócio-políticas, experimentadas por nossos países através da participação das organizações populares, vemos como desafios para os religiosos inseridos:

Despertar a consciência de que o povo é protagonista da própria história.

Acompanhar e apoiar as organizações populares como uma das manifestações da presença do Reino.

Participar como "um a mais", trazendo o que é propriamente nosso.

b) Diante da falta de oportunidade e de esperanças para os jovens numa sociedade que reduz a possibilidade de trabalho, parecem-nos desafios:

Acompanhar os jovens na criação de espaços que respondam às suas inquietações.

Trabalhar em conjunto com organismos e especialistas para trabalhar, responder adequadamente e acompanhar os jovens na sua problemática.

c) Diante dos leigos numa Igreja que tende centralizar-se em assuntos intra-ecclesiais, vemos como desafios:

Que a Vida Religiosa Insérvida mantenha uma abertura constante aos problemas do povo sofredor.

Fortalecer as CEBS como lugar de reflexão da vida pessoal, regional e nacional, à luz da Palavra e como lugar de protagonismo popular.

d) Outros desafios:

Acompanhar a mulher e apoiá-la para que descubra seu papel na sociedade, na Igreja, na família.

Partilhar a vida de trabalho, a sorte dos trabalhadores e, com eles, buscar caminhos de organização.

Buscar formas que permitam uma maior aproximação da problemática familiar atual.

II — 2º DIA — CULTURA E RELIGIOSIDADE DO POVO

1. No segundo dia refletimos sobre "Cultura e Religiosidade Popular", com o sociólogo Christian Parker.

Todos nós somos parte da cultura. É importante, para se compreender a cultura popular, tentar entender desde dentro (empatia) com o que ela pensa

de si mesma e da sociedade. A atitude de empatia supõe nosso próprio marco de reflexão, ou antes, de referência cultural...

As devoções populares sempre nascem à margem das devoções tradicionais da Igreja. Há também uma história conflitiva entre a religião do povo e a religião tradicional. Religião do povo (que é o melhor termo) é o conjunto de expressões da vida do povo e aí não há diferença entre fé e vida, cultura e religião. Há muita coisa na pastoral que o povo não entende. A religião do povo faz parte de sua vida cotidiana e não se pode avaliar sua vida religiosa pela palavra "praticante". O povo é praticante da religião popular... Há os que vão à missa, e os que não vão, mas todos são católicos. Em muitos que não vão à missa, quando os interrogamos empaticamente, descobrimos um sentido de fé muito profundo. Em que livro de teologia aprenderam? Não existe fé à parte; ela tem sempre um aspecto de mediação entre o social e o cultural. A apresentação de Deus a Moisés foi dentro de sua cultura, mas trouxe rupturas... É necessário ir fazendo a síntese, nós e o povo. A purificação é mútua entre a Igreja e o povo, Deus e a religião popular.

Aparece a figura de Deus Pai, da Virgem, mas há uma carência de referência a Jesus Cristo. Essa carência traz um problema pastoral. Quando falamos de fé com o povo, logo eles falam de fé em Deus. É um problema de tradução. O povo crê no Pai que é o Deus da vida, como dom, terra, mãe, fertilidade... está ligado a na-

tureza. Cristo, está na linha do trabalho, da produção. O homem sai para trabalhar, trazer dinheiro, a mulher fica para cuidar das crianças. Ela é que congrega... hoje a modernidade está em crise, necessita de um modelo alternativo. Este modelo está na cultura popular e é centrado na gratuidade. Isto é um desafio e supõe uma conversão.

2. Fizemos um cochicho para ver as inquietações que essa exposição despertava em nós.

Desafios diante da Religiosidade Popular

a) Necessidade duma conversão pessoal para compreender e aprofundar a religiosidade popular:

Escutar o povo em sua mentalidade, sem dar receita.

Integrar o sagrado e o profano.

Buscar o que há atrás das expressões externas de fé.

Presença junto a eles em suas celebrações de fé (velórios, etc.).

Purificação mútua.

Descobrir os valores da religiosidade popular e dar mais lugar aos sentimentos que à razão.

b) Necessidade duma purificação da religiosidade popular:

Que a Bíblia lhe dê a consciência crítica que lhe falta.

Busca em conjunto do que o Espírito vai suscitando.

Aprofundar a devoção e amor do povo à Maria para redescobrir, através dela, o Deus da vida libertador.

Que os sacramentos sejam expressões da prática duma fé libertadora vivida nas CEBS.

Ter mais criatividade para que as celebrações sejam expressões da fé e da vida do povo.

Aproveitar os tempos litúrgicos para despertar para uma religião mais cristocêntrica (Natal, Páscoa).

c) Aprofundar mais os aspectos da religiosidade popular vinculados à saúde e a relação com seitas e outras Igrejas.

3. No debate, salientamos os seguintes pontos:

— Constata-se uma falta de conhecimento das inquietações de fé dos jovens e de suas expressões. Pouco interesse por isso.

— O papel das V.R.I., como o das CEBS, é profético.

— Não somos propriamente defensores da fé, e sim descobridores da presença de Deus na vida do povo. Isso significa mudar de mentalidade e de forma de presença.

— Não somos chamados a ser cabeças das CEBS, e sim um membro a mais. Delas aprendemos uma nova síntese: fé e vida.

4. No fim da manhã, o Paraguai nos apresentou sua realidade de comunidades inseridas. À tarde, em grupos, tentamos aprofundar a exposição

e a realidade do Paraguai. A partilha, depois, no grupão, era sempre ao ar livre, bem descontraída e muito participada.

III — 3º DIA —

INCULTURAÇÃO NA AL

No dia 10, tivemos o tema "Inculturação da AL" com Fernando Aliaga, historiador e participante do CEHILA.

1. Características da RP e modelos da Igreja.

A religiosidade na AL tem o cósmico como espaço sagrado. Aqui temos que buscar a harmonia que traz a vida. Os ritos são uma expressão comunitária; neles encontramos a festa e a música. Tudo isso é prática de oração. O Rito é participativo, dançado e cantado. A relação natureza, sociedade, movimentos é permanente e vinculada à terra. Existe a terapia sagrada: as rezas para curar, os remédios caseiros, etc. É seguido o calendário agrícola: a natureza vai ensinando os tempos e os gestos adequados. Os modelos de evangelização do mundo latino-americano, sucessivamente apresentados pela Igreja, vão se contrapondo a este pano de fundo:

1º modelo:

"Empresa de conquista" ligada ao espiritual. O Evangelho é expressado dentro deste momento da Cristandade com sua concepção medieval do mundo.

A guerra santa e a fé se impõem pelas armas.

O patronato — sistema político — passa a idéia do príncipe Cristão. O Bispo é visto como enviado do rei diante do povo.

Reforma da Vida Religiosa — disciplina que se põe a serviço da salvação das almas. Trata-se de uma luta religiosa e política. Trento vai dar resposta a isso.

2º modelo:

Igreja sociedade perfeita (mais ou menos 1830) — Expressão clerical-conservadora. A Igreja é instrumento importante para a sociedade no campo moral. Os Bispos deixam o patronato para seguir a orientação de Roma. Há um progresso conservador que favorece as missões, a educação, o assistencialismo, as confrarias. Há um projeto neo-colonial que abre caminho para o capitalismo.

3º modelo:

1930-1963 (mais ou menos) — Ideal apostólico do Corpo Místico. Em quase todos os países surge uma classe média. A Igreja se volta para a pastoral de massas. A A.C.O. tem grande força. Inicia-se a inserção nos meios populares, para grande inquietação dos conservadores. Começa a surgir uma pastoral de conjunto, envolvendo os leigos.

4º modelo:

Em Medellín (1968) há uma descoberta de nossas raízes, um despertar da consciência da injustiça social,

uma nova espiritualidade e solidariedade.

Começam as ditaduras na AL, o que faz surgir movimentos de Direitos Humanos e de defesa da vida. Estes declinam a partir de 1973. Dois pontos importantes:

O grau de inculturação — é necessário optar por um modelo e se inculturar.

O profetismo — que vai ser sempre minoria. O critério é a encarnação.

2. Gritos, desafios, passos.

No fim da manhã, a Argentina expôs sua realidade nacional e da Vida Religiosa Inserida. À tarde, em seis grupos, aprofundamos tudo isso e vimos os gritos e os desafios:

a) GRITOS E DESAFIOS

As mulheres:

"Estou só, escute-me, seja minha amiga, acompanha-me, necessito de você..."

"Estou oprimida, dominada... quero ser reconhecida em minha feminilidade."

"Organizemo-nos! Temos muitos problemas de saúde, estamos doentes dos nervos. Gostaria de me unir com outras mulheres para, juntas, lutarmos por nossos direitos."

CEBS:

"Venham conosco! Necessitamos de apoio. Precisamos nos formar para ocupar nosso espaço na Igreja."

"Não podemos continuar a viver sem perspectivas!"

"Somos jovens e nos sentimos desocupados e vazios! Não temos trabalhos. Não temos trabalhos. Não temos assistência médica."

"Queremos que nos tragam a Boa Nova!"

Os Camponeses (são gritos "suaves")

"Necessitamos de acompanhamento; queremos ser escutados, de amigos que estejam conosco..."

"Queremos, enfim, reconheçam nossa dignidade, nossos direitos à saúde, à educação, a ter um pedaço de terra. Acompanhem-nos em nossas lutas."

"Esperamos uma formação humana, mas sobretudo cristã. Ajudem-nos a escutar a palavra de Deus..."

Os marginalizados

Gritos dos jovens nas ruas.

Gritos para que os religiosos estejam presentes nas organizações populares.

Gritos para que os religiosos participem da defesa dos direitos humanos.

As Comunidades Inseridas e seu papel

Gritos pela dignidade: Pão, saúde, trabalho; que sua luta seja nossa luta; que sua presença seja questionadora e libertadora.

A formação na Inserção

Que a formação seja integral e integradora.

Esclarecer a identidade da VR.

Que nossas comunidades sejam manifestações dos valores do Reino.

b) PASSOS

As mulheres

Valorizar-nos como mulheres.

Dar a mão às outras para que se levantem.

Visitá-las em suas casas.

Partilhar com elas o trabalho.

Acolhê-las em nossas casas, escutando-as demoradamente.

Acompanhá-las para construir seu projeto de sociedade alternativa.

Não repetir vícios e erros da sociedade machista.

Priorizar o estudo da Bíblia, partindo da figura de Maria, mãe e libertadora.

As Comunidades de Bases

Acompanhá-las para que cresçam nas relações interpessoais e que seus membros se sintam aceitos, estimados, valorizados.

Utilizar uma pedagogia libertadora para que não se deixem esmagar por qualquer dificuldade.

Fortalecer a pessoa de Cristo em suas vidas.

Ajudá-las a escutar, a observar o que se passa em seu redor.

Ajudar a dar passos na procura de soluções, junto com as organizações sociais.

Os marginalizados

Sair do recinto da Igreja e aproximar-se dos que estão na rua: os marginalizados, que não estão na Igreja.

Converter-nos evitando o protagonismo.

Ter luz no caminho e seguir (discernimento).

Formar-nos, Vida Religiosa e leigos, para poder conviver com o conflito.

As Comunidades Inseridas e seu papel

Viver bem nossa vida comunitária (sinal).

Enfrentar os problemas juntos com eles e não como cabeça deles, e sem fazer uso de nossos privilégios (presentes, dinheiro...).

Colocar-nos na escuta do povo, encarnar-nos no que ele vive.

Viver a tensão entre "semelhança" e "diferença".

A formação na Inserção

Formação integral, também em estudos teológicos e bíblicos.

O compromisso pelos pobres dá motivação à seriedade dos estudos (fato comprovado).

O pobre dá sentido à VR e aos votos.

IV — OS TRABALHADORES E SUA CULTURA NA AL

No dia 11, sexta-feira, era o dia do Brasil. Fizemos, logo cedo, uma exposição com o material que levamos. Pre-

paramos a Oração da manhã com um pão que foi partilhado, dando o sentido da partilha do suor dos companheiros que, naquele momento, estavam escravizados nas fábricas...

Usamos o texto de II Tes 3,7-13. O tema do dia. "Os trabalhadores e sua cultura no contexto atual da AL". Veio expor o tema o sociólogo e assessor do Ministério do Trabalho do Chile, Guillermo Campero.

A AL constitui um conjunto com identidade própria e distinta. É necessário buscar sua identidade pela raiz cultural. Um elemento importante é a religião do povo que está vinculada ao mundo católico. Os trabalhadores latino-americanos não correspondem ao modelo europeu aqui implantado.

1. Desafios

É necessário um processo de redefinição do modelo econômico.

Um processo de conversão tecnológica.

Um processo de redefinição do sistema político.

São desafios que o mundo do trabalho enfrenta e que são exigentes. Antes o Estado era o grande favorito e o pensador do processo; distribuía a riqueza. Esse modelo está desaparecendo na AL. A transformação tecnológica está se dando com força. O setor terciário está mais moderno com a informática. O trabalhador não cresce tanto, cresce o trabalho temporário.

Na AL sempre houve partidos políticos mais fortes que as organizações

sociais. O Estado, sendo gerador do sistema, requeria partidos fortes. Talvez a debilidade atual dos partidos seja porque os movimentos sociais têm atualmente mais força. O Estado tem menos importância, os partidos também. Agora, começam os blocos de pequenas empresas que exigem trabalhos temporários. Estamos vivendo um processo de reciclagem.

Algumas características:

1) É um mundo do trabalho organizado por núcleos desagregados.

2) Uma grande mobilidade: campo, cidade, desemprego.

3) O mundo do trabalho é um desafio ao sindicato: exige novas formas de organização.

4) Conceito de mundo do trabalho e de cultura operária.

Aqui há um processo de mudança importante: já não se trabalha numa fábrica anos a fio, e sim apenas alguns meses. Aparecem novas categorias e há um processo de desprofissionalização. O grande desafio é que o empresário, que cria riquezas, tem que ser chamado a um debate ético para criar riquezas coletivas.

Observação: O expositor fez a colocação desse modelo como se já estivesse sendo vivido a pleno vapor. No cochicho, levantamos algumas questões como: Como fica a profissionalização dos jovens? E o conflito capital e trabalho? Ele surgiu das questões como o "diabo fogue da cruz"...

Às 11:30h, nós brasileiros, colocamos nossa realidade e dividimos assim:

a) Ir. Dayse, do Nordeste, colocou a situação nacional e um pouco a realidade do Nordeste brasileiro.

b) Ir. Luzinete, apresentou sua experiência de trabalho e como vive a Vida Religiosa nesse mundo.

c) Ir. Maria, do Sul, relatou sobre sua experiência de metalúrgica, vivida há alguns anos atrás.

d) Ir. Cláudio colocou a situação da Vida Religiosa inserida.

e) Pe. Eduardo elencou os desafios, salientando a importância e necessidade da VR estar ocupando espaço no mundo do trabalho.

Às 15:30h, em grupos, tentamos aprofundar o vivido na manhã. Todos nos bombardearam de perguntas. No grupo em que fiquei, queriam saber como vivo a vida comunitária, como vivo a vida de oração, como é a militância sindical, a vivência com as companheiras, etc. Percebemos que cumprimos nossa missão. O grupo que até então, estava muito preocupado com a paróquia, com as dificuldades com os vigários, etc. sentiu-se questionado.

À noite, ficamos à disposição para perguntas e fizemos um animado sorteio com as coisas que levamos. Foi uma festa!

V — A CULTURA MODERNA

No dia 12, a oração foi animada pelo Paraguai. O tema era "A cultura moderna", apresentado pelo sociólogo Francisco Lopes. Esse tema se debate na AL cada vez que se põe em che-

que sua identidade. O tema não pode ser pensado sem considerar as crises da AL. Temos que fazer um debate intelectual e político.

Modernidade é o nome dado a um gigantesco processo cultural, sócio-econômico, político e religioso que define a maneira atual de se viver no mundo. Muitas coisas estão comprometidas nesse processo: filosofia, teologia, ética, a vida enfim. Hoje, por causa da modernidade, há um processo de desencantamento do mundo. Este processo é:

É uma construção da realidade.

É ambíguo como todos os processos.

É também um processo de re-encantamento.

Tudo isso exige participação, deveria ser um processo democrático. E está aí, na democracia, um problema para a Igreja. Ele nos faz perceber melhor as várias linhas existentes na Igreja:

A neo-conservadora que faz a leitura capitalista e protestante. Pensa a Igreja como reguladora moral da sociedade. Esse grupo tem influência nas cúpulas da Igreja da AL.

A crise da AL se dá pela posição de dominação entre as culturas. A Igreja se envolve aí, porque colabora com a cultura moderna.

Linha leiga.

O elemento católico — É forte na Argentina, mistura peronismo com catolicismo. Acha que a AL não tem futuro sem o catolicismo. Também o movimento "Comunhão e Libertação"

está tentando abrir espaço para articular um projeto alternativo para a AL.

Uma nova leitura da teologia da libertação que faz com que o povo seja sujeito. Esse processo é apoiado na experiência da Nicarágua.

Tivemos os grupos de cochichos e, em seguida, respostas às questões levantadas pelo grupo. Salientou-se a importância de se reforçar a última linha, através da reorganização dos grupos e movimentos. A realidade do Uruguai foi-nos apresentada, em seguida.

VI — PARTE FINAL E CONCLUSÕES

1. À tarde fomos a Paine, cidade agrícola distante 2 horas de Santiago. Em 73, quando começou a ditadura no Chile, essa cidade vivia um processo de cooperativas que, então, servia de modelo no Chile. A ditadura fez desaparecer tudo! Agora o governo descobriu 17 corpos congelados nas gavetas do IML desde 73. Para o enterro, houve uma celebração da palavra no estádio, da qual fomos participar. Devia ser uma missa, mas os participantes não aceitaram porque o Bispo sempre esteve do lado de Pinochet, seguiu-se uma carreata até o cemitério. Foi um momento marcante e constrangedor para as famílias e para todos. Os partidos de esquerda marcaram presença.

2. No domingo, dia 13, tivemos a visita do presidente da Conferência dos Religiosos do Chile, Pe. Henrique Moreno. Em sua colocação, percebemos que a CLAR continua em dificuldades, que não se consegue entender

a VRI, vista como uma caminhada paralela às diretrizes de Roma.

3. Em seguida, Ronaldo Muñoz retomou os desafios surgidos no encontro, lembrando alguns temas bíblicos para um tempo maior de oração.

Nossa preocupação pela Bíblia e a fraternidade nestes dias foi forte.

Gestos de Deus Pai — somos herdeiros da experiência de Deus. A fé de Israel brotou da vida do povo. Deus está presente em nosso povo. Nesses encontros Deus, o Senhor, vai exigindo mudanças de vida. A Moisés, não basta ser pastor, tem que assumir a aventura de guiar o povo. O encontro com o Senhor, leva sempre a acolher os clamores do povo.

Deus e os profetas — Deus chama alguns profetas para vingar a morte do povo. É um Deus que ama os pobres, com paixão. É um Deus que quer a fraternidade, a solidariedade e cuida para que o povo não se perverta. O Messias — Jesus teve que aprender e fazer uma opção diante do povo que esperava o Messias. Ele aprendeu que a justiça e a verdade vêm pela entrega da vida e não pelo poder. A mensagem e a prática de Jesus sobre o Reino, projetam um forte futuro de esperança. A fé cristã começa com a fé no Ressuscitado. Jesus não se anuncia, anuncia o Reino de Deus com seu projeto que é de plenitude de vida. Não podemos acolher o Espírito Santo, sem um profundo amor a Jesus Cristo e ao Reino de Deus. Isso exige um compromisso de justiça. Temos a missão de integrar tudo isso na comunidade de base, para não virar ideolo-

gia. Lemos no N.T. que os apóstolos não fundaram uma instituição, fundaram comunidades missionárias.

O resto da manhã foi tempo para oração pessoal. Após o almoço, tivemos uma grande celebração onde coube aos brasileiros cantar o "Pai Nosso dos Mártires", e encerramos com avaliação e envio.

Observação: O encontro para mim foi um momento forte de partilha, confronto, avaliação da caminhada. Percebi também que, apesar de nossas "Angústias" por causa da lentidão do nosso povo e da VR no Brasil, ainda somos o país que tem uma caminhada "maior" na questão do mundo do trabalho.

Irmã Luzinete

AMÉRICA CENTRAL E AS GRANDES CAUSAS

Impressões da minha 6ª viagem de solidariedade.

Dom Pedro Casaldáliga

Entre fevereiro e março deste ano visitei, pela sexta vez, a América Central, em viagem de solidariedade: **Panamá, Guatemala, Honduras, El Salvador, Nicaragua, Costa Rica.** Como em anos anteriores, graças também à ajuda de amigos de Quebec e da Catalunha.

Nas crônicas das outras viagens eu contava pormenorizadamente acontecidos, lugares, pessoas. Espero que isso tudo, que já é em mim geografia do coração, convivência para sempre, o seja também em boa medida para os companheiros de solidariedade que

foram recebendo estas minhas cartas apaixonadas.

A presente crônica — por falta de tempo e também por opção — será mais sintética, com menos referências locais.

A América Central não deixa de ser uma certa síntese, uma unidade histórico-geopolítica, sonhada ou forçada, cada vez agora mais inevitável, para um futuro regional inter-solidário de paz, de vida, de identidade, de autonomia, de aporte original.

A CENTROAMERICANIDADE é um destino e uma missão.

Intitulei esta carta-crônica "AMÉRICA CENTRAL E AS GRANDES CAUSAS". Porque essas "grandes causas" se debatem lá com exacerbada vigência e como em paradigma. "Eu escolhi El Salvador para julgar o mundo", diz o próprio Deus no poema dedicado aos mártires da UCA. Eu já tenho repetido à saciedade que América Central, em seus Povos e em suas Igrejas, é o "eixo" conflituoso, o "corredor" geopolítico, o "costado aberto" de toda a Pátria Grande e de outras pátrias também...

Depois da complexa queda do muro, depois da cínica guerra do Golfo, depois da prepotente proclamação da nova ordem mundial — "nunca estive-ram mais altas nem a inflação nem a prepotência", ironizava para mim Tomás Borge —, essas "grandes causas" tornam-se mais universais, mais indeclináveis, mais urgentes. A humanização planetária de "alta intensidade" se impõe para todos nós se não que-

remos que nos alcance a todos uma pós-moderna embrutecida desumanidade.

Nesta sexta viagem à América Central tive que ouvir e ler persistentemente uma série de palavras que também nos martelam os ouvidos dia a dia aqui, no Brasil, e que constituem **o léxico da morte**: Dívida externa, inflação, recessão, privatização e transnacionalização, desemprego, deslocamento e migração, corrupção e fraude, violência, miséria. Por contrapartida, nossos Povos — da América Central, de todo o Continente, do Mundo não oficial —, apesar das aparências em contrário, de submissão e desalento, gritam cada vez com mais convicção **o léxico da vida**: justiça, paz, desmilitarização, democracia popular, direitos humanos, autodeterminação, solidariedade.

Negamo-nos a renunciar a Esperança e ainda acreditamos na Utopia. Denunciamos a idolatria do Mercado e o imperialismo neo-liberal. Rechaçamos a nova ordem mundial dos senhores e apostamos na alternativa da solidariedade mundial, da socialização participativa, da fraternidade humana.

Como Igreja e nesta hora de nossa América, diante do V Centenário da conquista e da ambígua evangelização, associamo-nos à "campanha continental dos 500 anos de resistência" e assumimos a "nova Evangelização".

Estas palavras de Vida, este programa de Igreja seriam, então, as "grandes causas" que nos devemos associar.

Tentarei resumir em três blocos de postulados e compromissos estas "grandes causas", ao calor da América Central, outra vez encontrada.

— A democracia emergente e alternativa.

— O anti-militarismo.

— A nova evangelização.

1. A DEMOCRACIA EMERGENTE E ALTERNATIVA

É uma primeira constatação. Em todos os países da América Central, com as variantes próprias de cada momento local, estão se firmando "plataformas" de participação popular, alternativas à política oficial e normalmente apesar da suspeita e até sob a repressão, militar ou paramilitar. Passos irreversíveis, entretanto e em aumento.

Em todos esses países os organismos de Direitos Humanos representam uma voz crescente, inclusive no foro internacional. E esses organismos e entidades afins aglutinam já, cada vez mais, todas as reivindicações que uma sociedade que mereça o nome de humana postula: no respeito à vida, à alteridade étnica, à mobilização, à manifestação e organização públicas; nas reivindicações de moradia, educação e saúde.

Em todos eles multiplicam-se as realizações do chamado **Esquípulas dos Povos**: um processo de democratização que vem da base a partir das convocações ao "diálogo nacional", nas "jornadas" pela Vida e pela Paz, nas iniciativas de repatriação, de organização e de produção comunitárias.

Raul Leis, o sociólogo panamenho, falava-me, a propósito disso, da "democracia emergente". "Insurgente" também, em ocasiões, acrescentaria eu, pela situação de ditadura real, mesmo sob disfarce de democracia civil, que esses Povos têm que viver, faz anos.

As repatriações, as re-povoações, as "ocupações" são uma expressão coletiva dessa realidade emergente. Seguirão acontecendo as eleições — com 60% de abstenções talvez e à margem das transformações exigidas —, alternando as siglas no poder, sempre de direita, excetuado o intervalo sandinista na Nicarágua continuará presente, invasor, o império; Centroamérica, porém, depois do movimento revolucionário, aparentemente fracassado e após o longo martírio vivido heroicamente, é agora uma opção claramente alternativa de democratização "popular", de transformações sociais básicas. Emerge, insurge, a outra democracia, na América Central.

Vou citar quatro vivências que me impressionaram, nesta última viagem.

Os índios Kuna, dispersos pela cidade do Panamá com o risco de se descaracterizarem, fundaram, fora da capital devoradora, quatro povoados autônomos, "invadindo" inclusive a área imperial do exército de ocupação. Em Kuna Nega tive a oportunidade de saudar a seus representantes, reunidos em congresso.

Em El Salvador e na Guatemala, os refugiados que tiveram de fugir da repressão e da guerra, por dezenas

de milhares, permanecendo até 10 anos no exílio, estão regressando agora à respectiva pátria e criando as "Repoblaciones" ou as "Comunidades de Población en Resistencia". Desafiando aos governos e aos exércitos e organizando-se numa vida comunitária, como focos alternativos de sociedade, como avançadas da outra democracia. "Nossa bandeira é nosso pensamento" gravaram numa lasca de madeira os participantes da primeira assembléia das povoações guatemaltecas em resistência.

Em El Salvador, no dia 17 de fevereiro, tive a experiência de ver como renascia uma cidade: **Cinquera**. Ruína total que foi sob os bombardeios do exército, chegou a ser chamada de "Guernica Salvadorenha". Agora retornavam a ela as 15 primeiras famílias, impedidas em vão e até atropeladas pelo mesmo exército, na estrada. As faixas, estendidas entre os braços das árvores testemunhas, rezavam assim: "Pelo direito a viver em nossos lugares de origem... os deslocados... que repovoam novamente estas terras heróicas".

Em toda a América Central, como em toda a América Latina, multiplicam-se as "ocupações", no campo e na cidade. Reforma Agrária, Reforma Urbana que o Povo vê-se obrigado a fazer por conta própria. Na capital da Costa Rica visitei um bairro novo, já bem organizado, uma das **100 ocupações** que hoje existem em San José.

Num muro da Guatemala uma placa pergunta: "O que nos deu a democracia?"

A democracia neoliberal que nos estão impondo — gato por lebre, às vistas — não é certamente a libertação que a América Latina necessita. E, com a América Central, a rechaçamos.

“O povo centroamericano — escreve “Envio”, da UCA, em seu número de março último — surpreendeu, tanto ao império quanto aos analistas políticos da esquerda latino-americana, com sua rebelião contra as ditaduras e as oligarquias, nos anos 80. Agora germina, como semente na terra, a resposta popular ao novo inimigo neo-liberal desta última década do século”.

2. O ANTIMILITARISMO (E O ANTI-IMPERIALISMO)

Ainda sinto em cima de mim o camponês que me abraçou chorando, num recanto de El Salvador, para me dizer: “A meu filho o mataram os esquadrões da morte... e a meu irmão”.

“Estados Unidos construiu na América Central a democracia dos esquadrões da morte”, declarou o professor James Petras, da New York State University.

O imperialismo, o militarismo e os esquadrões da morte caíram-lhe em cima simultaneamente à América Central. O anti-imperialismo, a desmilitarização e a justiça social com a verdadeira segurança nacional deverão ser, nela, processos simultâneos.

Não se trata de “antis” cegos, a priori. As estatísticas da realidade os exigem como imperativos de vida. Na América Central e no Mundo. Segundo a Cruz Vermelha Internacional e a Meia

Lua Vermelha, depois da Segunda Guerra Mundial as baixas somam 25 milhões, em aproximadamente 200 conflitos. E 90% das pessoas neles feridas ou assassinadas são civis: homens, mulheres, crianças. Segundo o último informe do Banco Mundial, a quantidade de pessoas que vive por debaixo da linha da pobreza, com um ingresso anual inferior a 370 dólares, chegará, no ano 2000, a 825 milhões, quando eram 110 milhões em 1985. Segundo o Centro de Investigações e Promoção dos Direitos Humanos dos Menores Abandonados da América Latina (Cipdenal), em nossa Pátria Grande malvivem 80 milhões de crianças abandonadas pelas ruas, 12 milhões de meninas prostitutas e 120 milhões de crianças estão à margem de qualquer sistema educativo.

Trata-se, então, de “antis” mais do que justificados. De uma **desmilitarização** que seja justa e paz, fim da impunidade militar ou para-militar, segurança das pessoas e liberdade das instituições; a inversão da economia — agora derramada em armas e em repressão — na agricultura, na saúde, na educação, na moradia. De um antiimperialismo que seja autonomia nacional, identidade indígena ou mestiça e crioula, igualdade reconhecida entre os povos, cooperação solidária. Trata-se de outra ONU, também...

Na América Central senti uma autêntica obsessão, mais do que legítima, pela desmilitarização regional. Hoje é essa uma primeira exigência daqueles Povos e dos próprios movimentos revolucionários nas conversações que estão mantendo, concretamente, El Sal-

vador e Guatemala. Até o presidente Endara, súdito fiel do império do Comando Sul, está reivindicando a desmilitarização do Panamá.

"Sem desmilitarização não há democracia", "Exigimos a desmilitarização da sociedade" bradavam faixas e cartazes na renascente Cinquera.

"A desmilitarização da sociedade parece ser um signo dos tempos", escrevia "Siglo XXI", no passado mês de dezembro.

Por contraste, estávamos assistindo, estupefatos, à maior exibição de militarismo que já deu a história humana. De militarismo e de imperialismo conjuntamente. "A primeira grande guerra contra o Terceiro Mundo", definia a revista "Passos", do DEI. Esta minha viagem à América Central esteve inevitavelmente traspassada pela guerra do Golfo Pérsico. Pelo belicismo hegemônico de Bush. Pela fanática ditadura de Saddam, também. ("Satã Hussein e Belcebush", comentavam os centro-americanos. Dois messianismos enlouquecidos.). Pela humilhante submissão da Europa aos ditames do império. Pelo cinismo com que essa guerra nos era apresentada e ocultada. Pela nova imensa ferida que se abriu entre o Ocidente "cristão" e o Oriente islâmico.

Naqueles dias o presidente Bush perorava, proclamando os EUA como "o líder moral e material do mundo", "o cão-cérbero que guarda o cálice da liberdade no templo que é o planeta Terra". Eu, latino-americano de adoção, lembrava mais uma vez a dramática constatação de Simón Bolívar: "Os

Estados Unidos parecem destinados pela Providência para inundar América de misérias, em nome da liberdade"...

Quando digo Estados Unidos estou dizendo a política ianque oficial. Conheço bem esse outro "arsenal" norte-americano, de contestação a essa política e de solidariedade com o mundo dominado. Esses companheiros solidários entenderão muito bem o que eu queria dizer, na América Central, quando insinuava o outro provável resultado moral norte-americano da última guerra: EUA passará da síndrome da humilhante derrota do Vietnã para a síndrome da humilhante vitória do Golfo Pérsico.

O militarismo salvadorenho, financiado pela administração Reagan e pela administração Bush, acabava de fazer um novo massacre, em El Zapote, entre o 21 e 22 de janeiro. 15 camponeses de uma mesma família foram assassinados naquela noite. O arcebispo de São Salvador, monsenhor Rivera y Damas, não duvidou em assumir sem restrições a conclusão a que chegara a Oficina de Tutela Legal do arcebispado: "... existem suficientes elementos 'presuncionais' para que o sistema judicial do país encaminhe para o interior da Força Armada a investigação e, mais especialmente, para a Primeira Brigada de Infantaria".

O militarismo guatemalteco executou, no dia 1º de dezembro, outro massacre espetacular, em Santiago de Atitlán, do outro lado do luminoso lago. Para o procurador dos Direitos Humanos da Guatemala, Ramiro de León Carpio, não havia dúvida: "O exército da Gua-

têmala como instituição é o responsável da matança dos indígenas de Santiago de Atitlán". 14 mortos e 22 feridos. Esse mesmo exército, segundo o Comité da Unidade Camponesa, "já deixou mais de 1.700 pessoas seqüestradas e assassinadas" por aquelas redondezas, nos últimos anos.

Um velho indígena de Atitlán, que mal falava "castilla", contou-me, comovido, o assassinato de seu filho de 24 anos, pelo exército. Como um velho Lorca maia, repetia o ancião: "A las 11 en punto de la noche"...

A visita a Santiago de Atitlán, o encontro com a multidão indígena, sua dor e fortaleza, a legitimidade daquele povo que foi capaz de expulsar das ruas um exército genocida, tocaram-me profundamente.

Um dos líderes respondeu, naquela manhã de domingo, a meu comentário acerca das grandes pedras que calçam o lugar: "As pedras são as raízes do mundo". Raízes da América são esses indígenas! E "nossas raízes" — isso vi escrito em faixas, em calendários, nas paredes das Igrejas — não as puderam arrancar.

3. A NOVA EVANGELIZAÇÃO

Sempre a evangelização foi "a grande causa da Igreja". Ou deveria ter sido. A "nova evangelização" é agora nossa grande causa, como cristãos.

Em retiros espirituais e outros encontros, durante essa última viagem à América Central, meditávamos com os irmãos e irmãs daquelas Igrejas, o que seria a Nova Evangelização; para Amé-

rica Central, para toda nossa América, particularmente. Porque é bom lembrar que a expressão nasceu aqui, em Medellín, lá onde renasceu nossa Igreja.

Em La Trinidad, da Nicarágua, tivemos um retiro multitudinário, com 140 participantes e muito clima de oração e de amizade. Diante da sensação de "deslocados" ou "desencontrados" decidimos fazer do retiro um "encontro": com o Deus do Evangelho — não com outro deus; com a realidade de nossos Povos — sem fugir dela, sem por ela nos deixar abalar.

Agora mais do que nunca, perdidos os cálculos e desbaratadas as previsões, é preciso viver o Mistério. Como a viúva de Sarepta, dizia alguém: Com o pouco, com o último que temos; com a farinha e o azeite do dia a dia. Na constante fidelidade. Com a Esperança cristã que nunca se esgota!

Confrontando Igreja e Sociedade, dizíamos: Dentro da Igreja, as Comunidades Eclesiais de Base, o laicato — que é a imensa maioria da própria Igreja — se tornando cada vez mais adulto e participante, a Teologia e a Espiritualidade da Libertação nos ajudando a superar toda dicotomia e nos comprometendo com a Causa maior do Reino, podem ser também Igreja "emergente" ("insurgente", parece até, em certas ocasiões), para bem da própria Igreja de Jesus.

Esses mesmos temas tocávamos uma e outra vez nos demais encontros e conversações pelos outros países centro-americanos. Santo Domingo e a Nova Evangelização preocupam e estimulam, ao mesmo tempo. Eu escutei,

feliz, de lábios de dois bispos da região, que regressavam de um encontro do CELAM, que a maior parte das contribuições, que a esse organismo chegam em ordem a Santo Domingo, pedem insistentemente que se mantenha a linha de Medellín e Puebla.

Também neste ano percebi o desconcerto que as seitas produzem na América Central — polo eleito para a grande expansão. Seu programa "Amanecer" — que não é só de seitas propriamente ditas mas também de outros movimentos religiosos e até de algumas confissões cristãs — propugna um proselitismo, muito bem financiado e convicto, sobre o Mundo e, em particular, sobre América Latina e Filipinas. O mal-estar é inevitável. A gente continua apostando pelo ecumenismo — testamento de Jesus —, por outro "amanhecer" mais limpamente evangélico.

Três referenciais condicionam e possibilitam a Nova Evangelização, entre nós:

1º O novo contexto de dominação, de marginalização e de morte da América Latina (de todo o Terceiro Mundo), dentro de enfrentamento Norte/Sul.

2º A nova consciência e experiência do Continente, a partir dos processos de Libertação, vividos nas quatro últimas décadas e que nos convocam coletivamente à autonomia, à participação, à alternatividade.

3º O novo modo de ser e de fazer Igreja: pela Espiritualidade e pela Teologia da Libertação, pelas Comunidades

Eclesiais de Base, pela Religiosidade Popular ensablada com o compromisso sócio-político, pelos nascentes ensaios de inculturação da Fé, pela Bíblia nas mãos do Povo....

Os mártires nos acompanhavam, presentes, recentes, conhecidos, mais cada dia. Em toda viagem que faço à América Central encontro-me com novos mártires, amigos que eu abraçara aqui na terra em viagens anteriores. Myrna Mack, a querida presença de AVANCSO, já era mártir também. No jardim da UCA e em muitas veredas e calçadas vêm se multiplicando as rosas de Obdulio.

Os governos, os exércitos, o império, não permitem que os processos cheguem à verdade. Não importa. Nós a conhecemos. E com a Igreja argentina de La Rioja, que evocou oportunamente seus mártires, renovamos o compromisso pascal: "Nenhum interesse inconfessável, nenhuma pressão autoritária, nenhuma memória submetida, dividirá ou sepultará seu testemunho no esquecimento; nem as tipificações jurídicas poderão desvirtuar o que como Páscoa neles e com eles nós celebramos".

A Vida Religiosa, presentíssima nas Igrejas centro-americanas e agora ali também golpeada na CLAR, saberá responder, servidora, evangélica, evangelizadamente nova. Outra vez o contato com a florida promessa vocacional da América Central e a perseverante fidelidade de tantos religiosos e religiosas, testemunhas de testemunhas, rejuvenesceu-me. E me senti mais religioso claretiano, confessava eu aos com-

panheiros de Congregação, em Panamá, em Honduras, na Guatemala.

Isso sim: a Nova Evangelização somente será evangelização e nova — com a subversiva novidade do Evangelho das Bem-aventuranças — se **partir dos Pobres e com os Pobres**. Essa opção, essencialmente evangélica e historicamente tão latino-americana, não pode se diluir entre outras opções como sendo mais uma. Seria trair o Evangelho, o Povo e a Igreja. Lamento que passara tão despercebida a Mensagem de João Paulo II para esta Quaresma de 1991 sobre a “atitude de total identificação de Nosso Senhor Jesus Cristo com os pobres”, sobre “a pobreza estremecedora” que aflige o mundo e a “cegueira fratricida” assim como a urgência do “compromisso solidário” com “uma caridade e uma solidariedade concretas”.

Num dos encontros tentamos formular **as 7 atitudes do Povo Novo**, na nova evangelização, com a nova espiritualidade:

Contemplar na caminhada
Descodificar a realidade
Com-padecer todo sofrimento
Compartilhar a pobreza
Estruturar a solidariedade
Organizar as lutas, as vitórias, a esperança
Anunciar, testemunhar, celebrar, esperar o Reino.

Essa bela esperança negra, chamada Haiti, agora em pé de Povo e com muitas mãos sobre os tambores, dava-nos a palavra de ordem certa: “separados somos fracos, juntos somos fortes, todos juntos somos “lavalás”. (Por aque-

les dias, de Panamá, eu enviei ao presidente Aristide um livro dedicado: “O kairós na América Central”). Interpretando muito bem a impressão de muitos de nós, o “Nuevo Amanecer Cultural”, da Nicarágua, intitulava assim o estouro popular do irmão país caribenh: “Haiti, da miséria à esperança cavalgando na dignidade”.

Seguiremos, então, todos juntos.

“Que todos se levantem, que ninguém fique atrás”, nos pede Pop Wuj.

A “**Campanha Continental de 500 Anos de Resistência Indígena e Popular**” deve ser vivida pelos cristãos, à luz do Evangelho, na nova Evangelização, como uma profecia, que nos vem desse coletivo Servo Sofredor que é o “Povo testemunha” de nossa América. Celebrar “festivamente” o V Centenário, sem a verdade da História e sem a solidariedade da conversão, pessoal e institucional, seria acrescentar um novo pecado historicamente imperdoável à certa “velha” evangelização; seria fazer o jogo ao sucessivo permanente imperialismo colonizador — ontem supostamente “cristão”; hoje modernamente neo-liberal e capitalisticamente idólatra ou ateu.

Nossa solidariedade, a solidariedade internacional, deve ser efetiva, eficaz, estrutural. Chegando a Honduras — mais empobrecida ainda, neste ano, sob o governo neoliberal — visitei um assentamento de flagelados pela inundação. Quando fomos embora, depois de tentar confortar, com palavras, aqueles moradores paupérrimos, uma mulher, incontestável como um anjo de

Deus, advertiu-nos: "Vocês vão embora e nos deixam com o problema".

Em Panamá ultimamos, com Teófilo Cabestrero, um livro de circunstâncias em torno de "nossas causas", atual demais por causa da guerra do Golfo. "En lucha por la paz", intitula-se o livro (que "Sal Terrae" editou em castelhano e "Editorial Claret" em catalão). Seu índice desdobra-se assim:

— "A Paz desejável não existe agora no planeta".

— "Não haverá paz na terra enquanto existirem os desequilíbrios Norte/Sul".

— "Quando a solidariedade e a justiça derrubem o muro Norte/Sul, começará a Paz".

— "As Igrejas, pelo Evangelho da paz e da justiça".

— "Com os pobres da Terra, rumo à paz mundial".

De regresso ao Brasil, enviei aos amigos da Catalunha, que se reuniam por terceira vez, numa "jornada" de solidariedade, uma pequena mensagem: "EU era o outro e vocês me acolheram". E lhes dizia, entre outras coisas, talvez com palavras duras:

"... Vocês chegaram também à conclusão de que a Paz é a grande tarefa histórica, o desafio, a vocação, a realização da Humanidade. Um dom de Deus, o Shalom total e uma conquista nossa...

Se queres a paz, faz a guerra à guerra, faz a Paz.

... também vocês chegaram à convicção de que a Paz ou é universal, para todos os filhos e filhas de Deus, para todos os povos da terra, ou não será Paz.

Os "aliados" — nunca o nome bendito da Aliança caiu mais abaixo! — podem ganhar uma guerra — a seu favor e contra o resto do mundo — porque lhes sobram as armas e o dinheiro e a prepotência, não podem porém ganhar, eles isoladamente, a Paz.

Essa sua Europa — minha Europa ainda — acaba de fazer a tristíssima figura de colônia post-moderna dos imperiais Estados Unidos. Acaba de ganhar, ela também, a cínica guerra: acaba de perder a Paz. Tem que se fechar sobre si mesma, jogar fora os vindos de outro Mundo, renegar do próximo evangélico, impor a lei-apartheid da "extranjeria". Os aliados da santa aliança do lucro e da hegemonia precisam viver eles sozinhos: sem crianças, arrincoando os velhos, ignorando os pobres, amaldiçoando os terceiro-mundistas, se consumindo consumindo.

Desculpem o sangue azedo destas palavras. É o sangue de milhões quem as grita.

Eu cheguei à convicção — pastoral e política — de que o Terceiro Mundo e nele a Terceira Igreja temos a urgentíssima obrigação fraterna de ajudar o Primeiro Mundo a criar "má consciência" de sua paz egoísta, de seu papel de Narciso genocida e suicida finalmente.

Sua sensibilidade humana, sua fé de cristãos e a escaldada experiência histórica lhes ajudaram a enten-

der que o Reino de Deus, já aqui na terra, somente é dos Pobres e daqueles que com os Pobres se solidarizam eficazmente. Vocês entenderam que o próximo é o excomungado samaritano, o norte-africano, o latino-americano, o asiático: **o outro**.

Vocês não querem que a Europa unida venha se transformar num continente-ghetto, num bunker do capital, numa UTI dos incontamináveis...

Querem respirar, aberto o céu e as fronteiras abertas, o ar de todos e sair para o grande Mundo humano, livres e solidários...

... Na hora do julgamento maior, quando somente o amor é que conta; o Rejeitado já glorioso, filho de uma colônia romana, haverá de nos poder dizer, acolhedor para sempre:

— EU era "o outro" e vocês me acolheram. Venham, benditos do Pai, entrem na Casa de todos!

Não estou me despedindo. Não nos despeçamos da América Central. Nunca nos despeçamos da Solidariedade. Há tempo que está na hora de assumirmos essas GRANDES CAUSAS, que são a própria Vida da Humanidade e a realização do Reino. Irmão e companheiro de caminhada, nos Pobres da Terra e no Ressuscitado Jesus. □

Antes de tudo, o testemunho

O homem contemporâneo acredita mais nas testemunhas do que nos mestres, mais na experiência do que na doutrina, mais na vida e nos fatos do que nas teorias. O testemunho da vida cristã é a primeira e insubstituível forma de missão. Em muitos casos, é o único meio possível de ser missionário, *Redemptoris Missio*, nº 42.

Como se entende?

Papa — É necessário manter unidas estas duas verdades: a real possibilidade de salvação em Cristo para todos os homens e a necessidade da Igreja como sinal e instrumento para esta salvação. Estas duas verdades permitem experimentar a misericórdia de Deus e a nossa responsabilidade, *Redemptoris Missio*, nº 9.

Leitor — Posta a questão: real possibilidade de salvação para todos e necessidade da Igreja como seu sinal e instrumento, leia uma resposta teológica em *Redemptoris Missio*, nº 10.

O DOCUMENTO 'DIÁLOGO E ANÚNCIO' EM RELAÇÃO COM A ENCÍCLICA 'REDEMPTORIS MISSIO'

*Trata-se de dois documentos diversos pela
autoridade emanante, pelo estilo
usado, pela amplitude dos conteúdos mas
semelhantes no espírito e na análise específica.*

Congregação para a Evangelização dos Povos

O Documento "Diálogo e Anúncio" é publicado por dois Dicastérios da Cúria Romana: o Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso e a Congregação para a Evangelização dos Povos. Esta comum promoção é significativa: exprime a mútua colaboração também porque o documento se dirige ao mesmo público de que se ocupam os dois Dicastérios, ou seja, à Igreja de modo especial nos países predominantemente não cristãos.

Ele foi tornado público a cinco meses de distância da apresentação da Encíclica "Redemptoris missio" de João Paulo II. Esta, de fato, foi apresentada a 22 de Janeiro de 1991. O presente documento faz referência explícita à *Redemptoris missio* apenas uma vez (no n. 4 c),

enquanto cita muitas vezes o Concílio Vaticano II e a Exortação apostólica *Evangelii nuntiandi* de Paulo VI. Não se trata de diferenças de conteúdo. Isto indica simplesmente que este nosso texto já estava quase pronto quando a Encíclica foi promulgada.

Motivos de um documento sobre um tema duplo: Diálogo e Anúncio

O então Secretariado para os não-Cristãos tinha compreendido há alguns anos a importância de aprofundar este binômio, porque os próprios missionários se punham questões e alguns faziam opções unilaterais, como é recordado no presente documento (cf. DA 4). A Encíclica retomou estas questões de modo

lapidar no início do Capítulo I: "No entanto, devido às mudanças dos tempos modernos e à difusão de novas idéias teológicas, alguns interrogam-se: *ainda é atual a missão entre os não-cristãos?* Não estará por acaso substituída pelo diálogo inter-religioso? Não se deverá restringir ao empenho pela promoção humana? O respeito pela consciência e pela liberdade não exclui qualquer proposta de conversão? Não é possível salvar-se em qualquer religião? *Para quê, pois, a missão?*" (RM 4). E o nosso documento fala, por um lado, de uma certa hesitação a respeito do diálogo e, pelo outro lado, de qualquer incerteza sobre a necessidade do anúncio.

A estes interrogativos respondem, a seu modo, ambos os documentos, a Encíclica desenvolvendo os fundamentos mesmos da missão nos três primeiros capítulos, e o documento *Diálogo e Anúncio* detendo-se sobre o valor positivo das religiões e sobre a sua relação com a Igreja e sobre o papel desta em relação a eles (cfr. DA 14-41).

Os dois documentos são diversos e complementares

Trata-se de dois documentos diversos pela autoridade emanante, pelo estilo usado, pela amplitude dos conteúdos, mas semelhantes no espírito que os anima e na análise específica do duplo tema do diálogo e do anúncio.

A Encíclica é expressão do Magistério Pontifício e, portanto, tem a liberdade criativa que compete ao Pastor supremo. Abrange todos os temas da missão, tem um estilo pessoal, ágil, existencial. Dirige-se com autoridade do ministério de Pedro a toda a Igreja.

"*Diálogo e Anúncio*" é um documento preparado por Dicastérios romanos depois de uma ampla consulta. Tem uma finalidade de esclarecimento e de orientação pastoral e é dirigido "em particular àqueles que desempenham um papel de guia na comunidade e estão empenhados num trabalho de formação" (DA 7). Tem um estilo mais didático e utiliza abundantemente os textos conciliares e pontifícios. Focaliza e desenvolve apenas dois aspectos da missão evangelizadora, ou seja, o *Diálogo* e o *Anúncio*. Quase como horizonte explicativo, o presente documento tem um longo desenvolvimento orgânico sobre o valor positivo das religiões (cf. DA 14-41). Também a *Redemptoris missio* trata este tema, mas num contexto mais amplo (cf. RM 5-11, 28-29, 45-46, 55...).

O "*Diálogo e Anúncio*" tem porém muitas partes úteis que não são tratadas na Encíclica; sobre o papel das religiões não cristãs (DA 14-41), sobre o valor teológico do anúncio (DA 55-71), é interessante a análise realística das disposições e dos obstáculos ao diálogo e ao anúncio (DA 47-54; 72-74), etc.

Duas formas autênticas e necessárias à missão

A evangelização é uma realidade unitária mas complexa. Compreende o testemunho pessoal, o diálogo, a promoção humana, a inculturação, mas sobretudo o anúncio, ao que se segue a fundação das comunidades eclesiais.

O presente documento concentra-se sobre duas formas da atividade missionária, enquanto a Encíclica, no capítulo V sobre os caminhos da missão, desenvolve nove, consideradas não como exclusiva mas "de particular importância na presente situação da Igreja e do mundo" (RM 41), entre as quais o anúncio e o diálogo, que são objeto especial do presente texto.

De que se trata? O documento *Diálogo e Anúncio* explica cuidadosamente os termos (cf. DA 8-12). O diálogo pode ser compreendido de diversos modos: como comunicação recíproca, como atitude de respeito e de amizade, como conjunto das relações inter-religiosas (cf. DA 9). A Encíclica supõe tais definições (cf. RM 55) e indica as suas múltiplas formas e expressões (cf. RM 57) que são mais especificadas no nosso documento (cf. DA 42).

O mesmo pode dizer-se a respeito do anúncio que é a comunicação da mensagem evangélica, e está descrito amplamente no documento (cf. DA 10, 60-76), enquanto a Encíclica recorda com brevidade a prio-

ridade permanente do anúncio, o seu conteúdo e as suas finalidades (cf. RM 44-48).

As duas atividades são reconhecidas como autênticas expressões da única missão da Igreja para com todos os povos e todas as pessoas. *Diálogo e Anúncio* afirma que "o diálogo e o anúncio, cada um no próprio âmbito, são ambos considerados elementos essenciais e formas autênticas da missão evangelizadora da Igreja. Ambos estão orientados para a comunicação da verdade salvífica" (DA 2).

A *Redemptoris missio* acentua o mesmo conceito com matizes próprios: "À luz do plano de salvação, a Igreja não vê contraste entre o anúncio de Cristo e o diálogo inter-religioso; sente necessidade, porém, de os conjugar no âmbito da sua missão *ad gentes*. De fato, é necessário que esses dois elementos mantenham o seu vínculo íntimo e, ao mesmo tempo, a sua distinção, para que não sejam confundidos, nem considerados equivalentes a ponto de se poderem substituir entre si" (RM 55).

Ambas as atividades são necessárias e urgentes porque o mundo precisa delas. Deve ser tido em conta que dois terços da população terrestre ainda não conhecem Jesus Cristo e pertencem na maioria às religiões não cristãs.

Prioridade do anúncio

A Encíclica e o documento *Diálogo e Anúncio* recordam a diver-

sidade da dupla atividade. O anúncio tem a prioridade sobre todas as outras formas de atividade eclesial, enquanto o diálogo é um dos elementos integrantes (DA 9). O anúncio tem a prioridade, porque, para nos exprimirmos com a *Evangelii nuntiandi*, é “a base, o centro e o ápice” da missão evangelizadora (EN 27) (cf. RM 44; DR 75). A Encíclica insiste na prioridade permanente do anúncio na missão. “Todas as formas de atividade missionária tendem para esta proclamação que revela e introduz no mistério, desde sempre escondido e agora revelado em Cristo, o qual se encontra no âmago da missão e da vida da Igreja, como ponto fulcral de toda a evangelização... Como a economia salvífica está centrada em Cristo, assim a atividade missionária tende para a proclamação do Seu mistério” (RM 44; cf. 20, 31, 34, 40, 55, 58, 59, etc.).

A prioridade do anúncio deriva do mandato missionário de Cristo, da natureza da missão eclesial, e do direito que todos têm de conhecer aquilo que lhes está destinado pelo amor de Deus (cf. RM 8, 11, 39, 40, 46...).

Isto supõe e exige a possibilidade e a liberdade da Igreja ao propor aquela mensagem, e a liberdade de opção das pessoas e dos povos — fortemente salientada em ambos os documentos (cf. RM 7, 8, 11, 35, 39, 46, 47; DA 9, 69, 70) —, como também o apreço e a promoção dos valores (cf. RM 10, 20, 28, 39, 45, 46, 53, 56; DA 68-71). “A Igreja

dirige-se ao homem no pleno respeito da sua liberdade: a missão não restringe a liberdade, pelo contrário, favorece-a. A Igreja propõe, não impõe nada: respeita as pessoas e as culturas, detendo-se diante do sacrário da consciência” (RM 39).

Diálogo, elemento integrante da missão

Deste respeito pelas pessoas, melhor, desta fé segundo a qual Cristo as ama ao ponto de ter dado a vida por elas, e desta fé mediante a qual o Espírito atua nelas, nasce também o diálogo com todas as exigências e as suas formas. A Encíclica é lapidária a este propósito: “O diálogo não nasce de táticas ou de interesses, mas é uma atividade que apresenta motivações, exigências, dignidade própria: é exigido pelo profundo respeito por tudo o que o Espírito, que sopra onde quer, operou em cada homem. Por ele, a Igreja pretende descobrir as “sementes do Verbo”, os “fulgores daquela verdade que ilumina todos os homens”, sementes e fulgores que se abrigam nas pessoas e nas tradições religiosas da humanidade. O diálogo fundamenta-se sobre a esperança e a caridade, e produzirá frutos, no Espírito. As outras religiões constituem um desafio positivo para a Igreja: estimulam-na efetivamente quer a descobrir e a reconhecer os sinais da presença de Cristo e da ação do Espírito, quer a aprofundar a própria identidade e a testemunhar a integridade da revelação, da qual é depositária para o bem de todos (RM 56).

O diálogo é elemento integrante da missão no sentido que toda a atividade missionária se realiza no respeito das pessoas e das culturas, e que pode ser uma atividade específica quer onde o anúncio é possível e devido, quer onde e quando é impossível. A esta última situação faz referência o Papa: "Sabendo que bastantes missionários e comunidades cristãs encontram, no caminho difícil e por vezes incompreendido do diálogo, a única maneira de prestar um sincero testemunho de Cristo e um generoso serviço ao homem, desejo encorajá-los a perseverar com fé e caridade, mesmo onde os seus esforços não encontrem acolhimento nem resposta. O diálogo é um caminho que conduz ao Reino e seguramente dará frutos, mesmo se os tempos e os momentos estão reservados ao Pai" (RM 57, cf. DA 69).

Relações entre anúncio o diálogo

O documento *Diálogo e Anúncio*, na sua terceira parte (ns. 77-86) procura precisar as relações entre

diálogo e anúncio, "ambos elementos autênticos da missão... intimamente ligados mas não intercambiáveis" (DA 77). Na prática, o seu exercício depende das circunstâncias (cf. DA 78, 81, 82) e requer uma visão correta das suas relações e, ainda mais, atitudes e espiritualidade que estejam atentas e sejam obedientes à obra do Espírito (cf. DA 78, 80, 81, 84), seguindo o exemplo de Jesus (cf. DA 85-86). Ambos eles guiam para a verdade (cf. DA 2), para o testemunho (cf. DA 82; RM 42-43) e são parte do diálogo de salvação iniciado por Deus (cf. DA 80).

O grande desafio para os cristãos é viverem a própria fé e testemunharem-na com autenticidade, coragem e respeito, num mundo que é pluralista (cf. DA 4) e que na maioria desconhece Cristo, a sua alegre Mensagem e a novidade de vida por ela trazida.

O Dia de Oração em Assis, a 27 de outubro de 1986, é um exemplo simbólico destas convicções e destas atitudes (cf. DA 5; RM 29). □

Onde se lê, leia-se

Em Convergência, maio de 1991, nº 242, página 248, cometi dois erros grosseiros de revisão. O nome correto da Autora é, simplesmente, **IRMÃ MANORACY VITAR MEDEIROS**. Aqui vai a retificação devida, conforme pedido datado de 27/5/1991. Pelos erros de acréscimo e alteração e pelos transtornos causados, meu pedido de perdão (Pe. Marcos de Lima, SDB).

A IGREJA NA AL FRENTE AOS DESAFIOS PASTORAIS NA NOVA EVANGELIZAÇÃO NO TERCEIRO MILÊNIO

*Esta é a hora da América Latina. Deus
tem designios especiais
para a atuação da Igreja em nosso continente.*

Dom Luciano Mendes de Almeida
Mariana, MG

Uma saudação especial a todos os membros do COMLA 4, na certeza de que esses dias serão motivos de crescimento na comunhão eclesial e na missão que Deus nos confia.

O tema, na abertura do Congresso, convida-nos a lançar o olhar sobre a situação da América Latina e da Igreja no Continente da Esperança; depois, na segunda parte, leva-nos a considerar a nova evangelização a que somos chamados.

I. A IGREJA NA AMÉRICA LATINA NO ÚLTIMO DECÊNIO

1. O momento da História em que vivemos

a) O mundo está em guerra. Pensávamos que não haveria mais

guerra. Neste momento estamos surpreendidos por um conflito armado de proporções imprevisíveis. Para a Igreja trata-se de uma situação de muita preocupação. Como disse o Santo Padre: "Uma aventura sem retorno." É necessário que a guerra termine, quanto antes, e que possamos refazer a convivência entre iraquianos e os chamados 'aliados' que tentam liberar o Kuwait. Neste sentido, nosso Congresso se iniciou com intensa oração missionária: "Que todos nossos trabalhos, diante de Deus, sejam uma súplica para a chegada da paz e da justiça no mundo." Sabemos que a guerra está condicionada por outras situações igualmente graves e exigem a participação de todos nós para encontrar soluções adequadas: a questão palestina, as condições em que vive o Líbano, há tanto tempo, o

atã da posse do petróleo e, mais profundamente, o diálogo civilizado entre os povos, juntamente com o respeito ao pluralismo cultural e religioso.

b) Quando estamos para terminar o século XX, há fatos mais significativos, dos quais depende a vida digna deste continente:

- Nota-se a progressiva valorização dos direitos humanos e preocupações éticas, desejando soluções de âmbito internacional para resolver problemas comuns na busca de uma nova ordem com direitos e deveres bem estabelecidos, que possam garantir decisões, por meio de diálogo, a negociação superando a guerra fria e o recurso primário enlouquecido ao uso das armas.

- No seio das nações notam-se sinais de que o 'economicismo' dá lugar ao apreço das culturas; afirma-se o princípio da subsidiariedade, pelo qual o Estado reconhece os direitos da sociedade civil.

- Apesar das conquistas tecnológicas que poderiam promover o bem-estar da população mundial, permanecem enormes injustiças na relação de países do primeiro e terceiro mundo, no interior das mesmas nações subdesenvolvidas, com a conseqüente desordem na distribuição de bens, causando miséria, desnutrição, enfermidades e analfabetismo em contínuo crescimento em mais nações. Não podemos esquecer, por exemplo, que há, no mundo, 17 milhões de refugiados que, longe de suas pátrias,

esperam que se reconheçam seus direitos de cidadãos.

2. Situação da América Latina neste decênio

Nosso continente vive em meio às perplexidades típicas da época.

Constatamos a falência das teorias desenvolvimentistas da década dos anos 60, quando parecia que o progresso das nações era questão de um tempo breve. Aumentou a concentração de bens em poucas mãos. A dívida externa tornou-se excessivamente pesada para uns países e insuportável para outros. A pobreza extrema e as condições políticas obrigaram a grandes grupos a emigrar para dentro e para fora do país. Cresceu a espiral da violência e o engodo do narcotráfico, causando até a instabilidade política nos países em que narcotráfico e armamentismo crescem conjuntamente como um câncer. Após decênios de arbitrariedade, por parte dos governos, houve uma volta a governos gradualmente mais democráticos, na maioria de nossos países.

América Latina é, também, um continente de jovens, com previsão de aumento numérico nos próximos anos.

O fenômeno central é a concentração sempre maior das cidades e o conseqüente abandono das áreas rurais em muitos países.

Continuamos vivendo em processo de fusão entre as raças com

imigrantes da Ásia, nos últimos tempos.

Nesta complexa realidade, temos que destacar, como positivos, os primeiros sinais de busca de maior colaboração e participação entre os países que fazem prever, para a América Latina, algo parecido à comunidade européia.

Hoje, depois de tantos séculos em que culturas florescentes foram agredidas e destruídas, sente-se a valorização das culturas existentes, especialmente das culturas indígenas e, no Brasil, da cultura negra.

3. A Igreja Católica nestes últimos dez anos

a) Características

A Igreja assume sua presença no continente sul-americano e retrata em si mesma as características ambientais. Assim, é uma Igreja marcadamente formada por populações empobrecidas e com grande proporção de jovens. Os fiéis, como a maior parte da população, se concentram nas áreas urbanas trasladando o eixo da situação pastoral para as cidades, enquanto que antes se situava no campo. Permanece, no entanto, muito forte a religiosidade do povo, sem poder contar com o apoio das expressões tradicionais mais comuns nas zonas rurais. Isto torna estas populações mais frágeis, frente ao secularismo das cidades e a ofensiva das seitas.

b) Fatores que prejudicam a ação pastoral

Entre os fatores, sob a perspectiva religiosa, que mais alteram as populações empobrecidas das cidades, temos que enumerar a situação proselitista e crescente das seitas, com a consequência, para alguns, de formas sincréticas de religiosidade; a influência massiva dos meios de comunicação social forçam com rapidez as mudanças de critérios e comportamentos, e as campanhas constantes antinatalistas que modificaram, em pouco tempo, a constituição da família em nosso povo. Acrescenta-se a isto a atuação da maçonaria que se dirige mais diretamente à classe média.

c) Alterações negativas na Comunidade Eclesial

Como elemento significativo das alterações negativas na vida dos fiéis vemos, com algumas semelhanças nos diferentes países, a degeneração na vida moral, pessoal e familiar, corrupção nos negócios e na atuação política.

O número de católicos diminuiu. Assim, no Brasil, em 1980, 87% da população civil se declarava católica. Hoje, dez anos depois, a porcentagem é de 76,2%. Consta-se que aumentou o número dos que crêem em Deus, mas não se identificam com nenhuma instituição religiosa.

Entre os motivos do abandono da Igreja católica, por parte das

massas da periferia nas grandes cidades, indicamos a falta de contato com a Igreja, contrária ao que acontecia na zona rural.

A mentalidade nas novas gerações vai sendo dirigida progressivamente pela televisão e por outros meios de comunicação. Hoje, sem dúvida, há forte religiosidade, mas débil eclesialidade, isto é, pouco sentido de pertença à comunidade, por falta de suficiente educação da fé. Por parte da Pastoral da Igreja, faltou a utilização adequada dos meios de evangelização de massas e dos instrumentos de evangelização doméstica, como as visitas a domicílio, aos hospitais, etc.

As tensões internas na Igreja — quando o pluralismo teológico e pastoral se transforma em partidatismo, fecha-se em si mesma pela falta de diálogo e de espírito evangélico — causam o desperdício de energias, confusão e até o escândalo entre os fiéis.

4. Aspectos positivos na vida eclesial

A vida da Igreja neste decênio, ao lado das dificuldades, demonstra grande esforço pastoral.

a) Há empenho em estreitar mais a comunhão entre bispos, religiosos e leigos, como sinal de credibilidade, apesar das tensões que poderiam ser evitadas.

É grande o testemunho de aproximação aos sofrimentos do povo, através da busca de uma vida mais

austera e simples, da parte dos bispos, sacerdotes, leigos e, em especial, de muitas religiosas que exercem o apostolado entre os mais necessitados.

b) Desenvolveram-se as pastorais de vanguarda para atender a situações urgentes, quando há maior frequência de injustiças contra a dignidade da pessoa humana. Não poucas vezes, isto custou o preço da perseguição até o sacrifício da vida e o martírio de agentes de pastoral.

Em várias Igrejas incrementou-se a pastoral dos indígenas, procurando que tivessem apoio para que eles mesmos se organizassem. Assim, também a pastoral que promove a cultura negra. Surgiu a Pastoral da dignidade da mulher e os esforços para a recuperação da mulher marginalizada. Em todo o continente afirmou-se a Pastoral Operária. Fortificou-se a pastoral em bem do menor e do adolescente, carente e abandonado, com especial atenção aos meninos de rua, e a influência na aprovação de leis mais adequadas em vários países. No entanto, deve-se maior destaque à Pastoral da Terra que, apesar de grandes sacrifícios, tem procurado defender os camponeses sem-terra e os pequenos proprietários.

c) Houve notável empenho em fomentar a leitura da Palavra de Deus, particularmente entre as pessoas mais simples. Participa-se mais na liturgia e renovou-se a catequese nestes últimos anos.

Merece especial destaque o caminho percorrido, em alguns países, pelas Comunidades Eclesiais de Base que valorizam a Palavra de Deus, a participação na liturgia, procurando estreitar os laços comunitários e dar testemunho de vida, através da prática da justiça e transformação da sociedade, tendo em conta a eclesialidade e comunhão com os Pastores.

Atualmente, a iniciativa dos grupos de oração e reflexão permitiu, nas campanhas da Quaresma, de Natal e em outros momentos do ano, a animação não só das Comunidades Eclesiais de Base, mas em muitas paróquias.

d) Outra característica é a multiplicação de ministérios não ordenados, catequistas, coordenadores de comunidades, delegados da Palavra, visitantes de enfermos e outros.

e) Vários movimentos eclesiais cresceram, principalmente, na classe média, acentuando a presença do Espírito Santo, a oração, o trabalho com os jovens e o esforço para transformar os ambientes. Seria conveniente favorecer encontros entre os promotores destes movimentos, procurando que se insiram cada vez mais na pastoral de conjunto das Igrejas particulares.

f) Desenvolveu-se a reflexão teológica, a partir da realidade da América Latina, e o diálogo ecumênico com as Igrejas evangélicas tradicionais, algumas vezes com a promoção de trabalhos na linha das pastorais especiais da terra, dos índios

e outras. No Brasil, temos o exemplo do Conselho Nacional das Igrejas Cristãs — CONIC.

g) Organiza-se sempre melhor o esforço pela ação missionária Ad Gentes, com o despertar de muitas vocações no clero, religiosos e leigos para os países da África, Ásia e da própria América Latina. Uma das experiências mais positivas destes anos foi a colaboração entre as dioceses do mesmo país. É o programa das "Igrejas-irmãs". Assim, no Brasil, há mais de 80 dioceses unidas de duas em duas, com um forte apostolado missionário.

5. O grande problema

Apesar da constante pregação da Igreja sobre direitos humanos e justiça social há, no entanto, forte desequilíbrio na distribuição de bens. Isto aumentou a brecha entre ricos e pobres. Hoje, no Brasil, 10% dos mais ricos controlam 51% dos recursos nacionais.

No entanto, tem-se procurado aprofundar a consciência dos próprios direitos e a mobilização das classes populares, assim como crescem os primeiros esforços para participar na vida política como forma de testemunho cristão.

Infelizmente, o crescente empobrecimento do povo continua sendo a grande ferida de um continente, na sua grande maioria cristão. Isto indica um endurecimento e indiferença da consciência dos próprios cristãos, questiona a vivên-

cia da Palavra de Deus e da Doutrina Social da Igreja, tornando-se contra-testemunho e escândalo.

II. A NOVA EVANGELIZAÇÃO NO TERCEIRO MUNDO

1. Introdução

Nos próximos anos, América Latina tornar-se-á a área de maior densidade de católicos. Há um século, os fiéis do Terceiro Mundo eram 30% dos católicos. Hoje, são 70%, e a maior parte, quase a metade, vive em nossa América Latina. A leitura teológica deste fato nos chama a reconhecer que esta é a hora da América Latina, de que Deus tem desígnios especiais para a atuação da Igreja em nosso continente. Entre os sinais desta missão providencial, encontramos a forte religiosidade do povo que resiste, apesar da insistência das seitas e dos meios de comunicação social. Entre os elementos constitutivos da religiosidade do povo são notáveis o amor à Eucaristia, a devoção à Mãe de Deus e a adesão afetiva ao Papa.

Outro indício da especial missão que Deus nos reserva é o fato de que em nosso Continente realiza-se o encontro de raças e culturas, através dos intensos movimentos migratórios. Este espírito que supera racismos e discriminações pode levar a outras áreas do mundo o embrião de uma fraternidade universal.

Confiemos no Espírito Santo que saberá despertar sempre mais a Igreja de nosso Continente para cumprir sua tarefa histórica.

2. Aspectos prévios a considerar para a Nova Evangelização

Trata-se de proclamar o Evangelho, sempre antigo e sempre novo: "Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre." A primeira vez em que a Igreja Latino-Americana foi convocada para a "Nova Evangelização" foi através da mensagem do Papa João Paulo II, no CELAM, em Porto Príncipe, no Haiti, no dia 9 de março de 1983. O Papa nos diz que a evangelização deve ser "nova em seu ardor, em seus métodos, em sua expressão". A nova evangelização inclui uma profunda conversão espiritual de cada um de nós e da própria comunidade eclesial, levando-nos a fortificar nossa fé e animando-nos a buscar novos caminhos para que Jesus Cristo seja anunciado aos homens e mulheres de hoje.

Há dois aspectos prévios que são importantes e que devemos considerar:

a) A nova evangelização se insere na continuidade da contribuição do Concílio Vaticano II através das conferências de Medellín, Puebla, Documentos Pontifícios e Episcopais que deram impulso na América Latina à consciência da missão evangelizadora da Igreja. É preciso captar os valores destes últimos 25 anos e a forte influência de Medellín e Puebla. Especial iluminação nos fez compreender melhor o Evangelho de Jesus, como destinado a todos, sem exceção, mas de modo preferencial aos pobres. Daí, a insistência na dimensão universal da

evangelização e, ao mesmo tempo, a afirmação de que os pobres são sujeitos evangelizadores e destinatários preferenciais da Boa Nova. O Santo Padre, na última encíclica, *Redemptoris Missio* (n. 14), afirma que a preferência por parte de Jesus aos marginalizados pela sociedade, no anúncio da Boa Nova, ressalta que o Reino de Deus se destina a todos.

b) Outro aspecto a considerar para a nova evangelização é apreciar as culturas como expressão coletiva de valores, segundo a mesma visão do mundo e o mesmo estilo de vida. O Evangelho não se identifica com nenhuma cultura, mas ilumina, completa e valoriza as diversas culturas. A riqueza dos pobres é sua própria cultura. O período desenvolvimentista, às vezes, tentou sacrificar valores culturais, prometendo benefícios no campo econômico. A nova evangelização deve garantir o respeito às culturas indígenas, à negra e aos valores culturais dos grupos, inclusive pequenos, de imigrantes que hoje integram a população de muitos de nossos países.

3. Componentes da Nova Evangelização

A missão da Igreja é "evangelizar", isto é, consolidar a comunidade eclesial para que possa anunciar Jesus Cristo e sua mensagem e contribuir, assim, à sociedade justa e fraterna que é um sinal do Reino de Deus.

a) Conteúdo da mensagem

O Evangelho deve ser anunciado como novidade radical, em sintonia com a profunda aspiração humana de libertação, em contraste, hoje e sempre, com o espírito do mundo marcado pelo pecado.

Isto implica uma firme convicção de que Jesus Cristo é a única salvação para o mundo contemporâneo. Aquele que responde às suas necessidades mais autênticas. É preciso, portanto, evitar toda espécie de derrotismo, timidez e insegurança e proclamar o Evangelho "Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre".

Implica, também, proclamar o Evangelho em sua dimensão escatológica e gratuita de salvação. É algo totalmente diferente das propostas meramente humanistas de salvação intramundana. Estamos de acordo em que os cristãos devam empenhar-se para realizar "a civilização do amor", mas este empenho terá que ser feito à luz do Mistério Pascal e à luz da gratuidade e transcendência da salvação.

O anúncio será feito não só pela palavra, mas pelo testemunho de amor gratuito, renúncia e de sacrifício da vida presente, em favor dos irmãos e com a esperança da vida futura. A entrega da vida é a prova do Amor.

Na promoção dos "valores evangélicos", como o diálogo pela paz, a nobre luta pela justiça, a promoção da mulher e da criança, a pro-

teção da natureza, é necessário manter sempre firme a prioridade das realidades transcendentais e espirituais, primícias da salvação escatológica. A dimensão temporal do Reino permanece incompleta enquanto não se ordena à plenitude escatológica do Reino de Cristo (Rom 20).

b) Agentes da Nova Evangelização

Pelo Batismo todos os cristãos são chamados a evangelizar. É preciso que os leigos passem de meros evangelizados a evangelizadores (cf. Christifideles Laici). Trata-se de um novo momento na história da Igreja. Funções exercidas antes por sacerdotes e religiosos devem agora — sob a forma de ministérios não ordenados e serviços — ser também assumidos pelos leigos. É preciso recordar na linha de Puebla a especial missão dos pobres como sujeito evangelizador, chamados a dar testemunho dos valores do Reino, em contraste com o consumismo, o hedonismo e individualismo do mundo atual. Isto só será possível se os pobres conseguirem converter-se a si mesmos, afastando-se das atrações do mundo e do pecado.

Para que os leigos possam desempenhar sua missão requer-se que os pastores, sem perda de sua autoridade, confiem mais amplamente nos leigos como adultos na fé, conferindo-lhes o estímulo necessário para o cumprimento de sua tarefa eclesial. A atuação dos leigos exi-

ge forte e constante educação na fé, experiência de oração pessoal e comunitária e testemunho de vida.

c) Requisito Eclesial para a Nova Evangelização

Enfatizamos a necessidade de constantes esforços para superar tensões, radicalismos e partidarismos na vida eclesial. A Igreja promotora de comunicação não pode desgastar-se em seu testemunho com divisões, mas necessita dar exemplo de como superar as tensões eclesiais na força do Espírito Santo, pelo diálogo e afeto fraterno, respeitando sempre o pluralismo na busca da verdade e o amor à verdade.

4. Campos privilegiados para a Nova Evangelização

a) Desejo da vida espiritual

O mundo de hoje, desiludido cada vez mais pela busca do prazer, pela evasão da droga, pelo desatino do terrorismo, experimenta forte sede de Deus e de valores espirituais. Compete à Igreja, Mestre da Oração, saciar este desejo profundo de vida espiritual.

b) Em resposta às situações concretas em que vive a maioria das populações do continente terá a Igreja, em sua ação missionária, que enfrentar o desafio de evangelizar as grandes cidades, com especial atenção às massas de trabalhadores dos centros urbanos industrializados, aos subempregados e aos marginalizados. Os pobres e os

jovens são chamados a atuar como sujeitos desta evangelização que proclama a dignidade da pessoa à luz do Evangelho, a qual está na origem da sociedade justa e pacífica. Há que respeitar o pluralismo religioso, a pertença simultânea a múltiplas instituições e procurar novas formas de comunidade. Abre-se aqui vasto programa para as comunidades eclesiais de base, paróquias e movimentos. Na sociedade urbana é, no entanto, fundamental o cuidado individual da pessoa, sempre mais relegada ao anonimato, desprovida do amparo que muitos recebiam na comunidade rural (RM 37,6).

c) A ação missionária deve entrar, também, no mundo das comunicações. Trata-se não só de ampliar o anúncio do Evangelho, mas de compreender que a Mensagem tem que integrar-se na nova cultura criada pelas comunicações modernas. O desafio é grande, já que os meios de comunicação social, manipulados por grupos minoritários, introduzem falsas expectativas que, muitas vezes, estão em contraste com os valores fundamentais do Evangelho e da nossa cultura.

d) Ação Missionária "Ad Gentes"

Na COMLA 4 estamos celebrando a missão "na" e "desde" a América Latina. De fato, a missão "ad gentes" como parte privilegiada da única missão da Igreja, durante séculos foi "recebida" na América Latina. Ainda hoje são numerosos os missionários de outros continen-

tes que se dedicam por toda a vida a proclamar o Evangelho na América Latina, ocupando, muitas vezes, lugares de fronteira sem medir sacrifícios. Chegou a hora em que nós, também, enviemos missionários latino-americanos a outros povos da terra. Queremos ouvir como nosso o mandato de Jesus: "Ide e fazei discípulos a todas as gentes."

É um dever de caridade restituir o bem que recebemos, oferecendo a presença e o trabalho apostólico de missionários latino-americanos a países não cristãos ou nos quais há uma grande necessidade de missionários. É verdade que o número de ministérios religiosos e agentes de pastoral leigos é insuficiente para nós mesmos. Queremos, no entanto, dar de nossa pobreza e viver com outros a universalidade do amor fraterno que Jesus Cristo nos ensinou.

Poderemos levar a outros continentes, especialmente à África e à Ásia, os valores de nossa fé e de nosso modo de vivê-la. Aprendemos a não partir como colonizadores. Anunciamos Jesus Cristo. Não temos a pretensão de pensar que nossas culturas são melhores, mas desejamos colocar em comum a alegria de nossos povos, a religiosidade de nosso povo simples, a Igreja viva na América Latina, e receber dos irmãos de outros continentes todos os valores que Deus lhes concede.

É para nós motivo de alegria recordar as palavras do Documen-

to de Puebla (n. 368), onde se diz que levamos a contribuição de nossa pobreza:

"Finalmente, chegou para América Latina a hora de intensificar os serviços mútuos entre Igrejas particulares e de projetar-se além de suas próprias fronteiras, 'Ad Gentes'. É verdade que nós mesmos necessitamos de missionários. Mas, devemos dar de nossa pobreza. Por outra parte, nossas Igrejas podem oferecer algo original e importante: seu sentido da salvação e da libertação, a riqueza de sua religiosidade popular, a experiência das Comunidades Eclesiais de Base, o florescimento de seus ministérios, sua esperança e a alegria de sua fé. Já realizamos esforços missionários que podem se aprofundar e crescer."

Os pobres da América Latina deverão anunciar Jesus Cristo aos irmãos pobres da Ásia, da África, de nosso próprio continente e de outras partes do mundo.

Podemos expressar os votos de que os missionários da América Latina não partam somente por vocação pessoal mas que se sintam enviados pelas próprias Igrejas particulares, pelas Conferências Episcopais, pela comunhão das Igrejas na América Latina, pela ação do CELAM. Que esta seja a expressão de solidariedade de nossos povos e de nossas Igrejas. De tudo isto o COMLA 4 nos parece um sinal pro-

videncial de Deus que nos quer sempre mais unidos e animados na Ação Missionária.

CONCLUSÃO

A Nova Evangelização que todos esperamos possa realizar-se, para que Jesus Cristo seja anunciado pela Igreja às pessoas, povos e culturas do 3º milênio, terá, na América Latina, sua mais forte manifestação, não só no cuidado pastoral dos fiéis, na atividade missionária "ad-intra", mas na atividade missionária "ad gentes", no anúncio a todos aqueles que ainda não conhecem Jesus Cristo.

Quisera dizer-lhes "até o próximo COMLA 5", mas desejo que muitos de nós, leigos, religiosos, sacerdotes e bispos eméritos, dentro de alguns anos, nos encontremos, não só no COMLA 5, mas também nas aldeias longínquas de nossos países e mais ainda entre os irmãos das queridas terras da África e da Ásia,

Maria Santíssima, a Virgem de Guadalupe, Padroeira da América Latina e a Virgem da Evangelização, coroada por João Paulo II, em Lima, seja a "Estrela" da Nova Evangelização para todos nossos povos e para aqueles aos quais levaremos a alegria da fé que recebemos de nossos pais.

Chegou a hora para nossa querida América Latina! □

«MOMENTO NOVO»: 'CARTA PASTORAL DOS BISPOS DE MOÇAMBIQUE'

Bispos da Conferência Episcopal de Moçambique

Maputo, 18 de maio de 1991

*A única escola da democracia é o
exercício, mesmo imperfeito, da democracia.*

Saudação

Nós, Bispos de Moçambique, reunidos no Maputo, em Assembléia Ordinária de 14 a 17 de Maio de 1991, dirigimos às Comunidades Cristãs, aos responsáveis da causa pública e a todos os nossos compatriotas de boa vontade, a nossa saudação de PAZ e união dos corações em Cristo Jesus.

INTRODUÇÃO

1. Jesus Cristo ressuscitou dos mortos. É este o grito da manhã da Páscoa que a Igreja não cessa de proclamar.

A ressurreição é fonte de alegria, porque a presença de Jesus ressuscitado no meio de nós é a nossa esperança. Com Ele e com a força do seu Espírito temos que continuar o PROJETO DE LIBERTAÇÃO que Ele nos trouxe, para libertar os indivíduos e as coletividades huma-

nas das obras e estruturas de pecado e de toda a forma de escravidão. Com Ele vivemos a urgência de pôr termo ao FLAGELO DA GUERRA — uma guerra fratricida, um "cataclismo persistente". Com Ele vivemos a urgência de INAUGURAR UMA NOVA ERA para a reorganização total da sociedade moçambicana. Tudo isto implica uma renovação plena de todos sob o ponto de vista moral, político e social.

Projeto de Libertação

2. Com a celebração da nossa independência abriu-se diante de nós um grande Projeto de Libertação. Libertos do colonialismo, sentimos a alegria de sermos um Povo livre e soberano. Conquistamos a própria dignidade e identidade, entramos no concerto das nações a nível do nosso continente e de outros povos, participando nas organizações internacionais; todo este projeto de Liber-

tação nos levou a alimentar o sonho da criação do homem novo: um homem libertado, com maior participação nas responsabilidades, excluindo qualquer opressão e situações que ofendam a sua dignidade, um homem que aspira possuir mais para ser mais (P. P. 6).

Flagelo da guerra

3. Mas, em breve, este projeto de Libertação conquistado à custa de uma guerra que durou 10 anos, se viu contrariado por vários fatores, entre os quais:

— A imposição de uma ideologia totalitária e englobante de todos os setores da vida social, econômica, política e religiosa.

— O aparecimento do Partido único como "força dirigente do Estado".

— Os campos de reeducação, como uma das formas de excluir os que pensavam de modo diferente.

— A Operação Produção como fator de desenraizamento do homem da sua terra.

— A pena de morte, os julgamentos, fuzilamentos públicos e a privação do legítimo direito de recurso aos tribunais imparciais.

— As aldeias comunais como forma de coletivização, contrariando o direito de cada um poder organizar a sua própria vida e de circular livremente.

— A laicidade do Estado, muitas vezes interpretada como militância atéia.

Todos estes fatores abalaram profundamente a concórdia entre os moçambicanos e criaram um grande número de insatisfeitos, uma das causas da guerra.

4. A guerra que nos últimos dez anos, direta ou indiretamente causou a morte de, pelo menos, 1 milhão de moçambicanos, está longe de atenuar-se e evolui para uma verdadeira "cultura de violência".

Esta guerra prolongada abalou as instituições fundamentais da sociedade:

— A família, que se sente instável e insegura e que, muitas vezes, sofre pelo desaparecimento de entes queridos.

— A Juventude, que sofre a crise de educação e instrução de esperança no futuro, devido sobretudo à prolongada mobilização para a guerra.

— A sociedade política, onde a luta de interesses e influências se põe acima do bem comum.

— A sociedade global que não pode estruturar-se devido às deslocções forçadas das populações, às concentrações urbanas com milhões de deslocados e milhares de refugiados nos países vizinhos. Mesmo os não deslocados são forçados a abandonar as suas casas para passar as noites no mato.

— O lançamento de uma economia de mercado sem suficiente produção interna, contando quase única e exclusivamente com ajudas externas, o que veio favorecer o enriquecimento de alguns em detrimento da maioria da população. Este fato tem criado uma elite moçambicana cada vez mais distanciada da maioria da população.

— O grande desnível entre o salário e o custo da vida, responsável pelo aumento de roubo e pelo recurso ao nepotismo e ao sistema de cunhas, sobretudo nas cidades.

— O desnível gritante de desenvolvimento entre as Províncias e as regiões do País.

— A progressiva dilaceração do tecido cultural, com as destruições dos valores fundamentais da cultura.

MOMENTO NOVO

Sem dúvida que vivemos agora um momento novo caracterizado por mudança. São sinais concretos dessa mudança: o diálogo para a paz; a nova ordem política, econômica, moral e cultural.

O diálogo para a Paz

5. A Igreja sempre defendeu o diálogo como o caminho mais adequado para acabar com toda e qualquer forma de violência. Foi esta a proposta da Igreja desde o princípio, quando começavam a surgir aqueles fatores que mencionamos como responsáveis pela frustração

do Projeto da autêntica libertação do Povo moçambicano.

Com o recrudescer da guerra em 1979 a Igreja intensificou os seus apelos ao diálogo, em vários documentos:

- Caminhos da Paz,
- Urgência da Paz,
- Um apelo à Paz,
- Cessem a guerra e construamos a Paz...
- A Paz que o Povo quer.

Ainda muito recentemente, nós os Bispos exprimimos o nosso veemente apelo ao diálogo para a Paz em várias Cartas Pastorais:

- A Esperança da Paz
- Urgir o Diálogo da Paz
- A Paz exige reconciliação.

É neste sentido também que se situa todo o empenho da Igreja para reduzir a distância e levar as partes em conflito a sentar-se à mesa das conversações.

6. Assim, em 1989, vimos felizmente coroado de êxito este esforço, com a abertura do diálogo entre a Frelimo e a Renamo, diálogo que já atingiu expressões concretas nas conversações de Roma. É nosso desejo continuar a contribuir para que estas conversações prossigam em ordem à cessação de toda a violência que impede as condições de desenvolvimento e da Paz no nosso País. É pena que até agora não se tenha chegado ao termo das hostilidades.

7. Perguntamo-nos: por que este impasse? Por que estes adiamentos

e atrasos desnecessários? Por que é que se criam obstáculos à Paz? É um crime diante de Deus, contra o Povo moçambicano e diante da História a continuação desta guerra fratricida. Apelamos à boa vontade de todos para que se aprofunde o processo de Paz e se removam todos os obstáculos que entravam este processo. Apelamos a todos para a construção de uma Paz baseada no diálogo e na reconciliação e não em qualquer outro interesse interno ou externo. Apelamos para a sinceridade de ambas as partes e para a vontade efetiva de reconciliação.

Verificamos que alguns dos intervenientes no processo da Paz, têm mais em conta os seus interesses e não tanto os interesses reais do Povo. Apelamos para que todo o Povo participe no processo e que sejam desmanteladas todas as instituições que se opõem ou dificultam a Paz e uma autêntica democracia.

A nova Ordem Jurídica

8. Em Janeiro de 1990 foi lançado às 10 Províncias do País, um Ante-Projeto de Revisão da Constituição da RPM para estudo e reflexão de todo o povo moçambicano. Contudo, devido às circunstâncias da guerra um grande número de moçambicanos, vivendo em campos de refugiados, de deslocados, em bases e outros lugares não pôde participar nesta reflexão.

9. Nessa altura, além de mostrarmos, em documento "O NOSSO

PARECER", a inoportunidade do aparecimento e da discussão desse Ante-Projeto, demos o nosso contributo, apelando para que na Constituição se consignasse claramente a distinção entre os três poderes: Executivo, Judicial e Legislativo.

Apelamos ainda para uma maior clareza na definição dos Direitos do Homem, para o primado da dignidade da pessoa humana; e apelamos finalmente para o personalismo africano com tudo o que ele inclui de filosofia sobre o homem e a família.

10. Em Novembro de 1990 foi aprovada a nova Constituição que pretende ter como princípios fundamentais a Democracia participativa e multipartidária e a consolidação do estado de Direito.

Contudo, dela emerge uma espécie de positivismo jurídico que leva à negação do direito natural e ao desprezo de toda a reivindicação moral. Ora o positivismo jurídico conduz, muitas vezes, à inversão de valores e à confusão entre os fins e os meios. Os fins justificam os meios e o homem é tomado como meio, deixando de ser sujeito na construção da sociedade.

11. Apelamos para que nesta nova ordem jurídica o homem seja o centro, sujeito e não objeto, porque é a única criatura que Deus criou por si mesma e não em ordem a qualquer outro fim, não podendo por isso, ser objeto de manipulação para qualquer outro fim.

A nova Ordem política

12. Face à nova ordem política consignada na Constituição da República e à confusão que daí possa vir ao espírito de muitos, sentimos o dever de esclarecer alguns conceitos fundamentais, tais como: Política, Democracia, Pluripartidarismo.

Política

13. De uma maneira simples, podemos dizer que a Política é a arte de bem organizar a sociedade, para alcançar os seus valores essenciais: a realização integral do homem-cidadão e a promoção do bem comum. O objetivo principal de toda a atividade política é a realização total do homem enquanto sujeito dotado de inteligência, consciência, liberdade e responsabilidade, com direitos e deveres inerentes à sua dignidade inalienável. É este homem concreto que constitui o centro e a razão de ser de toda a atividade política.

Neste sentido, o empenho na vida política da nação é um dever essencial para todos e cada cidadão. Muitos, desiludidos e cansados dos abusos e manipulações da política, adotam uma atitude negativa face à vida política, considerando-a uma atividade imoral, e acabam por se desinteressar por tudo o que se refere à política.

Esta atitude está errada e contradiz a própria natureza social do homem. A política é uma necessidade vital do homem. É a condição necessária para a sua realização. Co-

mo bem afirma o Concílio Vaticano II: "Os homens têm a consciência da sua impotência de realizar sozinhos uma vida plenamente humana e sentem a necessidade de uma comunidade mais vasta, dentro da qual todos conjugam diariamente as suas forças em vista a uma realização cada vez mais perfeita do bem comum" (GS 74). É desta necessidade que nasce o dever de participar na construção da comunidade política. Portanto, todo o homem é responsável enquanto concorre com os outros para o bem da comunidade. O Estado é uma realidade constituída pelas múltiplas vontades e iniciativas.

14. O cristão participa com os outros cidadãos deste dever político, mas é ainda impelido pela fidelidade ao Evangelho de Cristo a empenhar-se na vida política. A fé cristã deve lançar raízes e frutificar no compromisso social, económico, político e cultural. É dever do cristão, iluminado pela sua fé, participar na construção da sociedade de acordo com o plano de Deus, o qual não é indiferente às necessidades de alimentação, de educação, de habitação, de justiça, de Paz, que devem ser abertas à dimensão espiritual.

15. Para o cristão o compromisso no mundo fundamenta-se na contemplação do mistério de Deus. A maneira como Jesus agiu no mundo obriga o cristão a agir do mesmo modo: oferecer a sua vida pelos outros como Cristo a ofereceu. Por isso, para agir corretamente na história dos homens, o cristão deve en-

contrar-se com Cristo na oração, deve aceitar o mistério Pascal como lógica da vida, morrer a si próprio para dar a vida aos outros. O cristão deve estar disposto a confrontar as suas opções políticas com outros irmãos no seio da Igreja à luz da Palavra de Deus.

Animado pela Palavra e pela Eucaristia, o cristão dedica-se a servir os homens nas suas exigências mais variadas; esforça-se por humanizar o mundo juntamente com eles e luta para encontrar com eles as melhores soluções para os problemas que surgem.

16. Na sua atuação política, o cristão deve estar claro e exigir que a política vise a realização do bem comum e nunca a obtenção de privilégios egoístas nem de proveitos injustos.

Para se alcançar efetivamente o bem comum são necessários políticos com uma formação adequada, dotados de qualidades intelectuais, morais, técnicas (cf. GS 75). É também necessário que sejam aproveitados todos os homens válidos da sociedade, sem que ninguém se sinta excluído por razões ideológicas ou outras.

Na nossa cultura africana, a política é um espaço normal de tomada de opções e decisões com a participação de todos.

Democracia

17. A democracia é uma forma de conceber e organizar a sociedade,

a partir do Povo com a máxima participação do Povo e para o benefício do Povo, tendo em conta a pessoa humana (o homem concreto) e a sua dignidade, direitos e liberdades.

A democracia, só é verdadeiramente democracia quando defende:

— O primado da pessoa humana que é sujeito e não objeto na construção da sociedade.

— O primado da participação a todos os níveis: Político, económico, social.

— O primado do Bem Comum, que inclui a criação de condições para o desenvolvimento das necessidades de cada um e promoção dos seus direitos fundamentais (PT 53-64): à vida e integridade física, à honra, à participação no processo de ampliação e consolidação da democracia; à liberdade de opinião, de reunião e de associação, a recurso aos tribunais, à liberdade religiosa, à herança, ao trabalho e livre escolha de profissão, à justa remuneração, à proteção, segurança e higiene no trabalho, à participação em organizações sindicais e à greve, à liberdade de criação científica, técnica e artística, à educação, à assistência médica e sanitária, à livre circulação...

18. A verdadeira democracia põe portanto em relevo estes valores:

— O primado da pessoa humana, criada por Deus à sua imagem e semelhança. O homem não pode ser tomado como objeto ou meio para

se alcançar qualquer outro tipo, de valores. Ele não pode ser reduzido a instrumento da política ou de qualquer ideologia. Uma política ou uma ideologia será correta ou errada conforme ela serve ou não ao bem do homem.

— O reconhecimento do valor que cada cidadão representa para a comunidade social e o permitir a sua participação ativa na construção do bem comum.

— O respeito pela liberdade de cada cidadão. No jogo democrático o cidadão deve gozar, sobretudo, da liberdade de opinião e de exprimir a sua opinião em escolhas livres. A livre escolha dos candidatos supõe debates no decurso dos quais diversas opiniões se cruzam, se confrontam, se esclarecem e, por vezes, se completam. A verdadeira democracia supõe um espaço de liberdade onde cada pessoa se exprime sem qualquer receio e sem ser perseguida pelo simples fato de ter uma opinião diferente.

— A igualdade essencial de todos os homens perante a lei e a proteção dos mais fracos. Esta igualdade funda-se na natureza e no destino comum de todos os homens.

— A divisão de poderes como defesa contra o totalitarismo.

— Eleições periódicas como garantia de liberdade que confere ao Povo a oportunidade de mudar os seus governantes e de exigir deles prestação de contas.

19. A democracia impede a manipulação do eleitorado, respeita as minorias e possibilita a coexistência de correntes de opiniões diversas.

A instalação no poder impede a emergência de novas lideranças e dá azo a que os líderes políticos acabem por se corromper.

Nenhum partido inspirado numa ideologia totalizante, como por exemplo a marxista, pode ser verdadeiramente democrático porque um tal partido cairia na ditadura.

Todo o poder absoluto gera a desconfiança, porque impede o surgimento de outros poderes. Por isso, toda a democracia se é construída para salvar um partido não pode ser verdadeira democracia.

Uma democracia para ser autêntica exige o desenvolvimento do País onde os homens sejam totalmente homens. Por isso têm que considerar-se prioritárias e urgentes todas as ações que visem reduzir os desequilíbrios sociais e dar a todos oportunidades iguais para o desenvolvimento individual e comunitário.

A única escola da democracia é o exercício, mesmo imperfeito, da democracia.

Pluripartidarismo

20. O pluripartidarismo nasce como uma consequência lógica do efetivo exercício de liberdade de opinião e de associação dos cidadãos.

O pluralismo de partidos é a base e fundamento de um ordenamento constitucional realmente democrático.

O pluripartidarismo agora proclamado permite, portanto, o pluralismo de opções no seio da comunidade para que todos, sem exclusão de ninguém, possam concorrer para a humanização da nossa sociedade. Todas as opções são válidas desde que obedeçam a um verdadeiro jogo democrático.

21. Não é próprio da Igreja criar qualquer partido político, porque descendo a este nível a sua posição dividiria os cristãos com opiniões e preferências políticas muitas vezes legítimas, mas opostas.

Quanto à justiça, a Igreja não é neutra, pode e deve julgar assuntos sociais e políticos. Porém, não julga tais matérias a partir de critérios políticos, mas em nome de exigências sociais do Evangelho, ou seja, em relação ao núcleo moral que contém todos os problemas sociais e políticos.

22. Nós que vivemos no Espírito que ressuscitou Cristo e que acreditamos no projeto de vida e de grandeza para o Povo moçambicano, queremos apoiar com todas as nossas forças aqueles homens de boa vontade que partilham essa visão e que trabalham para a revitalização de Moçambique e sobretudo aqueles homens e mulheres que trabalham de uma maneira organizada e efetiva para o alcance deste fim.

23. São de aceitar partidos políticos cujos objetivos, programas e organização visem:

— Garantir, salvaguardar e promover todos os direitos humanos para todos os moçambicanos.

— Promover uma real independência econômica e política de Moçambique.

— Promover o desenvolvimento equitativo das Províncias e regiões do País.

— Promover a distribuição equitativa dos recursos e serviços do País entre todos os moçambicanos e, em particular, a distribuição equitativa e a posse legalmente protegida da terra.

— Promover um sistema salarial que contemple as reais necessidades do trabalhador e da família.

— Promover a participação e igual acesso a todas as esferas de vida econômica, social e política do País pelas mulheres moçambicanas.

— Promover a salvaguarda e proteção das legítimas expressões das culturas tradicionais, inclusive das línguas locais e das válidas formas tradicionais de governo local.

— Garantir, promover e proteger o princípio de subsidiariedade para todas as instituições religiosas, sociais e culturais...

Uma nova ordem econômica

24. Ocorre-nos agora refletir sobre a nova ordem econômica. Com efeito, vivemos numa situação de profunda crise econômica, cujos efeitos pesam gravemente sobre toda a sociedade atingindo de modo dramático a maioria da população, economicamente frágil, reduzida a desumanas situações de miséria. Esta situação gera temores, dúvidas, inseguranças e incertezas quanto ao futuro de muitos, sobretudo dos jovens e das famílias.

Ao refletir sobre a realidade econômica do nosso País, não o fazemos à maneira de economistas, nem pretendemos substituir o Estado, face às dimensões políticas da crise. Também não pretendemos apresentar soluções técnicas; essa, é tarefa própria dos especialistas e peritos em matéria da economia.

25. Somos movidos pela nossa missão específica de Pastores, chamados a anunciar a Boa Nova da salvação a todos os homens e a iluminar com a Luz de Cristo Ressuscitado as situações concretas em que os homens vivem e constroem a sua história. Esta Igreja, solidária com os homens, que faz suas as tristezas e alegrias, as angústias e esperanças do homem de hoje, não pode ficar indiferente, face aos graves sofrimentos que a crise econômica causa em tantas famílias inocentes. Tanto mais que a crise que vivemos não é somente um fenómeno econômico, mas comporta toda uma dimensão moral da qual

a doutrina social da Igreja tem falado com insistência aos homens do nosso tempo.

26. Não há uma democracia política, sem uma ordem econômica que responda ao bem comum, ao bem de todo o Povo em geral.

Uma ordem econômica que favorecesse apenas uma classe de cidadãos privilegiados e tolerasse a marginalização e a exploração dos pobres, seria uma ordem econômica injusta e imoral. Por outro lado, uma ordem econômica que favorecesse apenas o surgimento do "homo oeconomicus", produtivo sem abertura à transcendência, instrumentalizaria o homem, banalizaria a sua existência, pondo a produção, o dinheiro e o lucro acima da pessoa humana.

27. A crise econômica cria diversos tipos de desajustamentos.

— A miséria, a fome, a insegurança, a incerteza e dúvidas em relação ao futuro de muitos sobretudo a juventude.

— A desestabilização e destruição das famílias e outras instituições fundamentais da sociedade.

— A quebra progressiva do poder de compra da população. Os bens necessários à vida de cada dia tornam-se inacessíveis ao homem comum.

— O próprio Estado não consegue pagar os seus funcionários.

— Os despedimentos e a não aceitação de novos trabalhadores.

— O aumento do índice de desemprego e desocupação.

— O aumento da criminalidade e de roubos.

— O recurso a diversos aspectos de corrupção: o cidadão é obrigado a pagar elevadas somas ao funcionário, para conseguir um serviço público a que tem direito.

28. As causas desta crise são múltiplas e variadas.

Há causas que têm raízes históricas:

— Um longo período colonial que influi na formação do nosso País.

— Uma guerra de libertação que durou 10 anos.

— Um sistema político introduzido após a independência, que não motivou suficientemente os cidadãos para se empenharem na produção.

— Uma guerra civil prolongada que destrói vidas e infra-estruturas econômicas e absorve grande parte do orçamento da nação. A economia da guerra.

Além destas causas históricas há causas externas que influem nesta crise:

— A dependência exagerada do País em relação ao capital estrangeiro.

— A dívida externa.

— A venda das terras mais férteis a empresas e companhias estrangeiras.

— A dependência técnica e tecnológica.

— Uma cooperação que não obedece a um projeto nacional de desenvolvimento real em todas as Províncias e zonas do País.

O Papa João Paulo II, na Encíclica "Sollicitudo rei socialis", ao analisar os mecanismos internacionais geradores da dependência e das injustiças chama-os "estruturas de pecado".

Há também as causas internas da crise:

— O abandono do campo e concentração das populações em lugares pouco propícios à produção.

— O desequilíbrio do desenvolvimento, de Província para Província, entre cidade e o campo e as concentrações urbanas.

— Apesar desta crise econômica verifica-se o surgimento de uma classe privilegiada e esbanjadora, ao lado da miséria da maioria da população.

— A corrupção, o desinteresse ("não te rales") em relação aos bens públicos. O esbanjamento, roubos e fuga de capitais, a importação de bens de consumo supérfluos e de alguns artigos de luxo, em prejuízo de importação de artigos de primeira necessidade.

— A implementação do *PRE* e dos *PRES* levou e continua a levar:

— Ao despedimento de muitos trabalhadores, o que agrava a situação de desemprego, marginalidade e criminalidade.

— Ao desequilíbrio entre o salário e custo de vida.

— À abundância de produtos inacessíveis à maioria do Povo.

— À retirada de subsídios que se destinavam a ajudar os estratos sociais mais desfavorecidos.

A nova ordem moral e cultural

29. Assistimos a um progressivo desmoronar do tecido moral e cultural, com graves conseqüências para o equilíbrio social.

Duas coisas são essenciais ao desenvolvimento sadio e harmonioso do Povo moçambicano:

A renovação moral e a recuperação da sua personalidade cultural.

Renovação moral

30. A renovação moral é dificultada pela continuação da guerra que leva à destruição de valores essenciais da dignidade humana e da convivência social e conduz sistematicamente à "cultura da violência". Esta "cultura da violência" não resulta de forças cegas e de condições sociais incontroláveis. Pelo contrário, temos que vê-la como "estrutura de pecado", isto é, como pecado social, como "acumulação

e concentração de muitos pecados pessoais" que se reforçam mutuamente, se expandem e se tornam fontes de outros pecados, condicionando o comportamento dos cidadãos em favor da violência. É uma estrutura enraizada na responsabilidade pessoal, na escolha personalíssima do ódio e da violência.

Por isso, não nos podemos abandonar ao fatalismo e dizer "isto não tem remédio", mas devemos esforçar-nos por vencer esta "estrutura de pecado" e substituí-la por uma "cultura de Paz".

Todos nós devemos esforçar-nos por obedecer aos mandamentos da Lei de Deus, especialmente ao 5º, "não matarás". Esta é a condição mínima requerida para que se possa viver em conjunto e renovar moralmente a sociedade.

Por outro lado é também condição essencial para a renovação moral da sociedade dar atenção aos programas escolares, aos programas da TVE e à educação moral da juventude. Os meios de Comunicação Social que tanto impacto têm na sociedade, ou são instrumentos de humanização digna ou contribuem para desagregação da mesma.

Renovação cultural

31. É próprio da pessoa humana necessitar da cultura, isto é, de desenvolver os bens e valores da natureza, para chegar a uma plena realização. A cultura constitui a alma de um povo, sem a qual não pode haver um autêntico desenvolvimento.

A cultura é o meio de adaptação à vida e à realidade. Ela transmite-se através da própria língua, da sabedoria popular, dos provérbios, contos, usos e costumes; e exprime-se através dos ritos, orações e sacrifícios, e de ritmos, danças e folclore.

32. Ora, a nível de toda a nação, verificamos que houve e continuam a existir diversos fatores que têm perturbado o equilíbrio da nossa cultura, criando um grande desenraizamento e vazio cultural:

— O desprezo e abandono da cultura e dos valores tradicionais, ou sua simples troca pela imposição dum modelo cultural importado.

— A intromissão de outras culturas sem uma verdadeira assimilação da cultura tradicional.

— A deslocação das populações das suas terras de origem para as aldeias comunais e para os centros urbanos.

— O sistema nacional do ensino que deu mais importância à formação do "homem-técnico", em prejuízo do "homem espiritual", com agravante de ser deficiente na sua estruturação.

33. Neste contexto, cabe-nos a todos (envidar) um esforço real para reafirmar a nossa identidade cultural.

Apelamos às nossas famílias que transmitam sem medo nem complexos os valores da cultura herdados dos antepassados, ensinando aos filhos a língua materna, as tradições

e outros valores da família. Recordamos o que dissemos na Carta Pastoral, "Viver a Fé no Moçambique de Hoje", que a família é o meio natural mais propício para a transmissão dos valores legados pelos antepassados e da tradição da nossa fé cristã.

Apelamos aos jovens que sejam abertos para receber os valores da verdadeira vida transmitida pelos pais, e que não se deixem fascinar por valores decadentes.

Apelamos a todos os agentes de evangelização que, seguindo a doutrina tradicional da Igreja, tenham a peito a evangelização das culturas e a sua iluminação pela luz de Cristo (inculturação) porque: "para que a mensagem da salvação, o evangelho, influencie, de fato, a vida do homem moçambicano, é preciso que ele a veja e entenda como um bem para si, como um valor que pode trazer-lhe um enriquecimento" põe-se, deste modo, o problema da inculturação (João Paulo II, Beira, 1988).

APELOS FINAIS

34. O diálogo, a nova ordem jurídica e política, não é possível sem uma atmosfera de Paz, de concórdia e de estabilidade em todo o País. Por isso:

— Apelamos para que as comunidades cristãs alimentadas cuidadosamente pela Palavra e pela Eucaristia, dêem Testemunho de Cristo no meio dos homens; vivam para Deus e para Cristo segundo os usos do seu próprio Povo, cultivem ver-

dadeira e eficazmente, como bons cidadãos, o amor da Pátria, mas evitem absolutamente o desprezo pelas outras raças e promovam o amor universal entre os homens.

— Apelamos para os Leigos para que não tenham medo deste momento novo.

Para que participem na vida política, econômica e social; e sejam testemunhas claras e serenas, fermento e sinais de uma sociedade nova transformada pelos valores evangélicos.

— Apelamos para os jovens que são o presente e o futuro desta sociedade nova. Apelamos sobretudo para aqueles que pegaram e pegam em armas, de um e do outro lado, para que não se deixem dominar pela violência, mas que sejam fatores de paz e de reconciliação.

— Apelamos para as famílias para que se esforcem por transmitir o que há de belo e nobre na tradição, e para que ajudem neste momento importante de reconciliação nacional; para que se sintam solidárias de outras famílias mais pobres e necessitadas.

— Apelamos para todos os cooperantes cujo trabalho tanto apreciamos, para que se preocupem com o verdadeiro desenvolvimento do homem e da sociedade moçambicana, e resistam à tentação de tirar lucros fáceis da situação em proveito próprio.

— Apelamos também para todas as forças envolvidas na guerra e na

busca dos caminhos para a Paz, para que manifestem uma verdadeira, clara e inequívoca vontade de Paz, ultrapassando os interesses particulares ou de grupos.

— Apelamos finalmente para os governantes, de quem depende grande parte levar adiante o projeto de Libertação já iniciado, renovando os mesmos apelos feitos pelo Santo Padre quando da sua visita a Moçambique:

“É urgente que todos abracem acima de tudo, a causa do homem e enveredem pelos caminhos do amor ao próximo e de respeito por tudo aquilo que este implica, tanto no aspecto material como espiritual. Anelam por isto todos os que sofrem. E será bem para todos que acabe o penar das crianças sem pais, o vaguar das mulheres sem lar, a solidão dos velhinhos sem filhos que os amparem no termo de sua vida. É tempo, pois, que cessem as divisões, a frieza e o desamor no coração dos homens, para que seja atalhada a espiral de violência e que os instrumentos da guerra e da morte sejam transformados em meios de Paz e de vida” (João Paulo II, na Saudação ao Presidente da República).

É claro que tudo isso só será possível se houver uma autêntica conversão das mentes e dos corações, se as estruturas sociais do pecado se converterem em canais da graça e em instrumentos de Paz e de Reconciliação. □

INTERPELAÇÕES À VIDA RELIGIOSA APOSTÓLICA E À IGREJA NA EUROPA A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA DE TERCEIRO MUNDO. QUE COUSA A VIDA RELIGIOSA DO TERCEIRO MUNDO PEDE À VIDA RELIGIOSA DA EUROPA?

*Que a vida religiosa na Europa não considere
os carismas como um dom
imobilizado no espaço e estático no tempo.*

Marcello de C. Azevedo S.J.

Introdução

01. Ao ser convidado, há cerca de dois anos, para falar nesta assembléia, foi-me dado o tema, com clara especificação: não se tratava de focalizar a vida religiosa no Terceiro Mundo. Pedia-se uma *reflexão sobre a vida religiosa na Europa, em seu contexto real e eclesial, vista, porém, a partir de uma perspectiva de Terceiro Mundo*. Esta é, pois, a delimitação do campo. Será indispensável, no entanto, fornecer alguns marcos fundamentais do perfil dessa vida religiosa de Terceiro Mundo, a fim de explicitar a perspectiva a partir da qual se interpela a vida religiosa da Europa.

02. O Terceiro Mundo é, como a Europa, uma realidade de muitas fa-

ces. Tem traços comuns e grandes diversidades. Sendo um homem da América Latina, a atribuição de representar globalmente o Terceiro Mundo só pode ser por mim assumida de modo discreto e modesto. Inevitavelmente, haverá ênfases em aspectos peculiares ao continente de onde provenho. Espero que a experiência e o conhecimento pessoal de não poucos participantes aqui possam completar ou corrigir minhas observações.

03. Fiel à metodologia de reflexão que se tem implantado no Terceiro Mundo, ressaltarei primeiramente alguns traços da realidade mesma da vida religiosa. Não se trata de uma visão exaustiva. Escolho aspectos que podem ajudar-nos a situar e abordar em seguida o tema propria-

mente dito desta palestra: *que coisa a vida religiosa do Terceiro Mundo espera da vida religiosa na Europa.*

04. A vida religiosa, como a vida eclesial, não podem ser vistas senão no contexto real do mundo em que vivemos. Este constitui uma realidade extremamente complexa, marcada por transformações surpreendentes e aceleradas. Mencionemos as duas grandes guerras mundiais deste século e a multiplicação de conflitos setoriais ou regionais, bem como a penosa reconstrução dos países que delas participaram. Recordemos a divisão do mundo em dois pólos ideológicos, com suas consequências de ordem socio-cultural e econômico-política e o recente colapso desta estrutura em consequência dos acontecimentos em áreas do socialismo real. Estamos vivendo o relançamento de uma nova Europa, em termos de comunidade econômica e política com destaque e alcance mundial. Tem sido decisivo o desenvolvimento científico e tecnológico, em muitos campos, sobretudo no elétrico-eletrônico, químico, biológico e astrofísico, e nas áreas muito abrangentes da matemática e da informática, com seus corolários e aplicações. Todo este conjunto de fatores, potenciado pela intensa informação e comunicação instantânea, se revelou radicalmente transformador dos pressupostos culturais que haviam mantido relativa continuidade e regularidade por vários séculos ao longo deste milênio que se conclui. Transformaram-se, portanto, sentidos, significações e vi-

sões de mundo (dado epistemológico), sua percepção e leitura (dado analítico) sua interpretação (dado hermenêutico), e os valores e critérios (dado axiológico), de fundo humanista e/ou cristão. Esta radical mutação foi desencadeada sobretudo pela cultura moderno-contemporânea. Foi por ela processada através de suas seqüelas de individualismo competitivo, de secularização, de pluralismo, de ideologias conflitantes, redutoras e excludentes. Importa destacar ainda o papel hegemônico da dimensão econômica na configuração da história e da política, da sociedade e das culturas. Não é aqui o momento para analisar-se cada um destes elementos fundamentais e outros que se lhes poderiam acrescentar. É importante, porém, tê-los presentes. Este é o espaço concreto e histórico, dentro do qual encontramos a Igreja e a vida religiosa e sobre elas podemos falar.

Primeira aproximação

01. Os que aqui estamos somos testemunhas — e alguns mesmo até atores — do processo de transformação eclesial que se seguiu ao Concílio Vaticano II, em nível mundial e à sua implantação nas diversas igrejas locais. No plano específico da vida religiosa, essas mudanças foram profundas e notáveis. Elas passaram pela implementação do decreto *Perfectae caritatis* e do *motu proprio Ecclesiae sanctae*, com os capítulos de renovação, a redação de novas constituições e uma série

de iniciativas internas a cada instituto religioso. Destacam-se entre estas os estudos histórico-espirituais sobre as fontes, os carismas e a originalidade profética dos fundadores. Estes trabalhos conduziram a autênticas descobertas e a reorientações decisivas dos enfoques e perspectivas de não poucos institutos. Em base a tudo isto, abriram-se novas frentes de presença apostólica, segundo as urgências do povo de Deus e das distintas igrejas locais.

O conjunto destas modificações afeta e abrange a totalidade da vida religiosa: a concepção de vocação, consagração e missão, o sentido e alcance dos votos e o serviço de autoridade, a configuração da comunidade, a índole da formação inicial e permanente. Além disso, a vida religiosa descobriu e assumiu sua eclesialidade. Por um lado, ela se abriu para o esforço conjunto da Igreja. Por outro lado, ela tomou consciência de sua identidade própria, mas solidária e subsidiária, no contexto das várias vocações cristãs e das respectivas presenças apostólicas ou ações pastorais. A vida religiosa buscou o aprimoramento das relações mútuas tanto com a hierarquia, quanto com o laicato. Foi diverso, contudo, o grau de assimilação deste processo pelas várias congregações. O medo do risco ou do novo, a resistência às demandas urgentes sobretudo dos mais simples e carentes, nem sempre levaram todos os institutos a assumir essas novas perspectivas de presença e serviço

apostólicos em um mundo desafiante e convulso.

Importa sublinhar que esta evolução transformadora não foi primordialmente uma construção conceitual, embora tenha tido sua elaboração teórica. Foi um processo efetiva e primordialmente determinado pelo impacto da realidade vivida pela Igreja e pelo povo de Deus e da resposta buscada concretamente pela vida religiosa para o seu serviço e consagração na missão. Daí procedem e por aí se entendem orientações fundamentais para a vida religiosa, como a articulação *fé e cultura*, na dimensão de *inculturação*, a articulação *fé e sociedade*, na dimensão da *libertação*. Uma e outra, se expressam na articulação de *fé e vida*, com as exigências incontornáveis de traduzir, pessoal e socialmente, as conseqüências teológico-espirituais e ético-morais da fé anunciada, professada e vivida.

02. Estas duas articulações de *fé e cultura* e *fé e sociedade*, expressas na crescente integração de *fé e vida*, fizeram-se decisivas nos países do Terceiro Mundo, onde vive a maioria da população mundial. Daí surgiu o imperativo da *inserção*, isto é, a crescente proximidade operativa, afetiva e geográfica aos mais necessitados. Viveu-se a experiência existencial e o aprendizado de uma nova percepção, análise e interpretação da realidade. Captou-se a indispensável recuperação social e cultural de povos sofridos e marginali-

zados bem como a busca inadiável de um enraizamento evangélico e religioso intimamente vinculado à vida das pessoas e comunidades. A opção solidária, profética e preferencial pelos pobres é um indicador significativo desse complexo de transformações profundas. Explicitada pelo Episcopado da América Latina, essa opção vem também sendo assumida por igrejas locais em vários continentes. Na vida religiosa, ela tem sido vivida com coerência principalmente pelas congregações religiosas femininas.

Os acentos são distintos nas várias regiões. Na África e na Ásia, prevalece a sensibilidade à articulação fé e cultura, a relação complexa às religiões milenares, de tradição oral, na África, de tradição escrita, na Ásia. Na África, amadurece também a sensibilidade à injustiça, seja no plano social e econômico, seja no da discriminação racial. Na Ásia, há uma lenta consolidação da presença cristã, com influência qualificada na sociedade e um retorno apreciável no incremento de conversões e de vocações sacerdotais e religiosas, em que pese o diminuto percentual de católicos em relação à população total. Já na América Latina, a violência e injustiça, o empobrecimento material e a fratura cultural continuam a centralizar as preocupações em vista da relação fé-cultura-sociedade. Daí a urgente exigência de transformação das estruturas sociais, como decorrência da própria índole da fé cristã e, não raro, como pré-condi-

ção da conversão individual. Há uma exigência de humanização que já é parte da evangelização.

Tudo isto teve fundas consequências para uma nova compreensão e vida dos carismas fundacionais e para uma configuração criativa e prospectiva da vida religiosa, mais talvez na América Latina, do que na Ásia e na África. É a diferença que vai de um olhar retrospectivo para uma rica tradição ainda viva e a ser recuperada e valorizada pelos povos africanos e asiáticos e o olhar prospectivo da América Latina. Neste continente, que teve sua cultura desrespeitada, desintegrada ou destruída, a grande tarefa é a construção de um mundo novo e em outras bases, muito embora com um profundo respeito pelo que restou do patrimônio autóctone e pluri-cultural de nossos povos. Supõe-se, pois, uma evangelização efetivamente nova e muito mais profunda e abrangente. Ela implica não só o ardor com que são renovados métodos e expressões. Ela postula a adequação eficaz dos conteúdos evangélicos à realidade concreta destes povos e às respostas não raro heroicas aos desafios que se apresentam.

Nos três continentes de Terceiro Mundo, assistimos hoje a um processo de relacionamento gradual das várias dimensões, tanto a retrospectiva e a prospectiva, quanto a da inculturação e a da libertação. Isto se está fazendo com os necessários corretivos dos paradigmas anteriores de uma evangelização exógena, hegemônica e uniforme. A experi-

ência cotidiana e uma distinta concepção missiológica vão indicando como e por onde suscitar uma evangelização efetivamente nova. É claro que dela vai surgindo uma vida religiosa nova também em sua inspiração e expressão.

Evangelização e vida religiosa novas não se opõem ao que de autenticamente evangélico temos vivido na tradição histórica e quase duas vezes milenar que conhecemos e que a Igreja reconhece e legitima. Mas elas serão uma outra etapa, uma contribuição específica. Como sempre acontece nos processos históricos e no da vida religiosa particularmente, haverá uma continuidade permeada de descontinuidades. A esses continentes deve ser reconhecida hoje a possibilidade e mesmo o direito de assomar ao palco da história e da vida e nele desempenhar o seu papel. A Europa foi dado, por muitos séculos e até os nossos dias, determinar uma configuração de evangelização e de vida religiosa que lhe pareceu responder à sua própria índole teológica e sócio-cultural e às suas preocupações e realidades. A mesma Europa levou este seu modelo aos quatro cantos do mundo. Vinculou-o a um processo de colonização que condicionou e configurou o paradigma de evangelização e, portanto, também a forma e expressão da vida religiosa que lhe servia. Enquanto perdeu a concepção de uma Igreja a construir sua unidade sobre a uniformidade, prevaleceu paralelamente um único modelo de vida religiosa. À medida em que a

multiplicidade respeitada e valorizada das culturas e a distinção de organizações sociais no mundo interpelam a Europa e nela a Igreja também, a unidade eclesial na fé deverá ser construída sobre a diversidade cultural. Esta se fará presente também na vida religiosa. A Igreja, que é universal, há de inculturar-se à luz da encarnação de Jesus Cristo. Assim também as congregações e institutos religiosos internacionais encontrarão o caminho de apreciar a diversidade e com ela conviver. É certo que estamos apenas começando e não temos ainda nem parâmetros definidos nem suficiente experiência. É importante, porém, não asfixiar este novo surto de vida na Igreja. De muitos modos já nos falou o Espírito na história, mas certamente Ele não esgotou sua mensagem no passado. Ele nos interpela e impele hoje a construirmos criativamente o presente e o futuro da Igreja no mundo e da vida religiosa nela. Isto há de ser uma iniciativa global para a qual o Terceiro Mundo tem ampla necessidade da compreensão e da colaboração do Primeiro Mundo, particularmente da Europa.

Segunda aproximação

A vocação religiosa, como uma forma específica de viver na Igreja a fé no Deus de Jesus Cristo, vem sendo sacudida profundamente. Enfrenta situações tão graves como as das épocas de não poucas fundações de institutos religiosos e, certamente, mais complexas do que elas. Vi-

mos acima algumas tendências maiores destas transformações no Terceiro Mundo. O contato imediato com um povo sofrido, a impotência prática diante de estruturas iníquas, a radical dependência no forum internacional de poder e de mercado, a criatividade reprimida ou colocada sempre sob suspeita, constituem um contexto inibidor, por um lado, mas provocador, por outro. Surge daí uma sensibilidade nova e uma interpelação constante aos religiosos do Terceiro Mundo. Elas se traduzem pela experiência e convicção de que o Espírito atua de modos diversos e de que os carismas, vistos por outros ângulos, podem inspirar perspectivas originais e inexploradas.

Nos Estados Unidos e no Canadá, afirma-se na vida religiosa uma consciência aprofundada da autonomia do secular, nas dimensões política, social e cultural e, particularmente, na descoberta e valorização da mulher. Pelas próprias responsabilidades desses países na condução internacional da economia, cresce também ali entre os religiosos a sensibilidade à pobreza estrutural no mundo e às fontes de sua produção no Primeiro Mundo. Áreas tão sensíveis e abrangentes como estas têm um impacto direto sobre a índole, o sentido, o alcance e o fomento da vida religiosa. Elas desencadeiam posturas sempre mais críticas e corajosas, de não concordância passiva com um status quo de injustiça e discriminação, de violência e várias formas de opressão.

No Leste Europeu, até ontem dominado pelo socialismo real, a vida religiosa marcou heroicamente por várias décadas sua fidelidade à fé e sua luta contra um ateísmo militante e corrosivo das bases cristãs, tanto da família como da sociedade e da cultura de vários destes países. Na Polônia e na Croácia, a maioria católica e o enraizamento cultural do cristianismo asseguraram nesta luta uma presença explícita e até mesmo um promissor retorno vocacional. Nos demais países, porém, a vida religiosa, proibida e clandestina por tanto tempo, experimentou um sério declínio numérico. Além disso, o diuturno isolamento que lhes foi imposto tornou impossível a estes religiosos acompanhar a evolução pós-conciliar da vida religiosa e, menos ainda, dela participar ativamente. Eles não puderam beneficiar-se da produção bíblica, teológica e espiritual dos últimos cinquenta anos. É árduo e delicado encontrar o modo de ajudá-los a introduzirem-se neste processo de renovação, sem que neles se desperte a sensação de infidelidade àquilo por que deram suas vidas em situações tão adversas.

A vida religiosa na Europa Ocidental, em sua plenitude e saturação de uma longa história, apresenta um quadro complexo. Permanece, embora de modo mais discreto, a auto-consciência de sua superioridade em relação a outras culturas. Este traço etnocêntrico legitimou no passado tanto o processo colonial e neo-colonial, de cunho econômico e político, como o processo de evange-

lização. Este foi caracterizado pela aculturação e transculturação, mais não por autêntica inculturação. A vida religiosa na Europa de hoje participa e usufrui da intensa recuperação material do pós-segunda guerra e do surto de progresso tecnológico dos anos 70 e 80. Este bem estar, contudo, vai de par com um acentuado envelhecimento e cansaço de seus quadros. Há também uma exaustão das obras, resultado da superação pelo Estado da necessidade de suplência; na educação, na saúde e na promoção social. Estas áreas, antes intensamente ocupadas pelos religiosos, haviam sido mesmo razão primeira da fundação de não poucos institutos. A correlação desses fatores tem levado a uma atenção centrípeta sobre o instituto como tal e sobre os seus membros. Tem também conduzido a uma reorientação preponderante dos programas de presença e ação apostólica em função e a serviço da terceira idade. É natural que se registre neste contexto uma certa resistência ao novo ou ao mutante e que se tenda mais a preservar e estabilizar o que foi por tanto tempo conquistado e vivido. É compreensível que o acervo de uma longa hegemonia cultural e de uma incontestada liderança dos processos transformadores relute em assumir riscos e em aprovar perspectivas que trazem consigo ampla margem de incertezas ou um considerável potencial de erros.

Tendo presentes estas observações e reflexões, tentemos formular respostas mais diretas ao tema específico deste trabalho: *Que cousa espera a*

vida religiosa no Terceiro Mundo da vida religiosa na Europa? A partir de uma perspectiva de Terceiro Mundo, quais seriam as principais interpelações à vida religiosa apostólica no presente momento eclesial da Europa?

Interpelações e perspectivas

Olhando a vida religiosa da Europa hoje, o Terceiro Mundo lhe pede a disposição de questionar-se no plano interno de sua identidade e externo de seu relacionamento e atuação.

a) Pedimos, como Terceiro Mundo, que a vida religiosa européia trabalhe ativa e profundamente a sua identidade européia para hoje. Que ela o faça com a consciência da riqueza e da autoridade de sua tradição e de sua espiritualidade. Que ela se lance com coragem para ser hoje uma resposta consistente à realidade atual da Europa cristã e descristianizada. Que ela não pretenda apoiar-se para isso em modalidades e estruturas do seu passado, em um momento em que o mundo se orienta e se afirma como cultura prospectiva. Não se trata de rejeitar ou subestimar o passado. Não se trata de passivamente assimilar a modernidade ou a pós-modernidade de modo acrítico. Pelo contrário, trata-se de dar a lúcida contribuição específica a uma leitura evangélico-crítica da cultura moderna e de suas conseqüências ou perversões. Não se pode julgar ingenuamente que é a cultura contemporânea que deverá ajustar-se à res-

tauração não-moderna ou à renovação inadequada da vida religiosa.

b) Pedimos, como Terceiro Mundo, que a vida religiosa na Europa não se deixe abater ou dominar pelo envelhecimento. Que ela não paute por aí seus critérios de avaliação das experiências e orientações de povos jovens. Que a Europa não passe a propor ou a construir sobretudo pelos enfoques e gerações do passado sua programação de vida espiritual e de presença ou ação apostólica. A Europa ainda detém a grande reserva de pensadores, pesquisadores, editores, comunicadores, com significativo lastro histórico e cultural. É importante que surjam aí pessoas e grupos que abram caminho e não se fechem numa retrospectiva hegemônica e redutora. É fundamental que a riqueza de recursos para a reflexão não a esvazie de vida nem a esterilize para a vida. Que ela não fuja às tensões e riscos, nem limite o potencial criativo de quem busca com verdade e retidão. Que o avançar da idade cronológica não signifique subserviência ao velho, ao que passou, ao que se mostrou seguro em outros tempos, mas talvez já não mais tenha sentido em nossos dias. Urge a coragem de uma revisão da comunicação e linguagem, como do imaginário e da estrutura simbólica da Igreja e da vida religiosa. Em boa parte este conjunto indispensável para a transmissão da mensagem já não é mais significativo para as pessoas de hoje e o será sempre menos, no Primeiro Mundo e, aceleradamente, também,

em outras regiões e culturas. Não basta a clareza conceitual dos pressupostos e princípios, nem a precisão formal das diretrizes e normas. É indispensável a sensibilidade à vida e a constante interação com ela.

c) Pedimos, como Terceiro Mundo, que a vida religiosa na Europa esteja presente nesta busca da juventude européia que vai sendo sempre mais capitalizada pelos "verdes" e pelos pacifistas. A consciência ecológica, com tudo o que de positivo representa em prol da natureza infra-humana, pode ser levada adiante e administrada sem a intuição da catástrofe ecológica que é a radical e planetária pobreza humana. Não haverá uma ecologia global, se o ser humano não for percebido em todo o seu alcance de relação ativa à natureza, sendo ele próprio parte integrante da mesma natureza. Por sua vez, a consciência pacifista, depois de décadas de militância ideológica, arrisca-se hoje a assumir uma perspectiva romântica e alienada. Ela cala, evita ou contorna os dilemas e tensões diuturnos e históricos de um mundo fragmentado. Essa imatura visão da paz abafa e asfixia os conflitos inegáveis e incontornáveis em nosso mundo, conflitos sem cuja solução toda paz é precária e falaz. Os dois movimentos, pacifista e ecológico, podem ser norteados por uma acomodação sofisticada e ingenuamente irênica do Primeiro Mundo ao seu "status quo" de saturação cultural e econômica. Neste sentido, estas duas grandes ini-

ciativas de inegável potencial mobilizador — ecologia e pacifismo — podem frustrar o alcance promissor de seu impulso. No Terceiro Mundo, a realidade nos confronta todo dia com a urgência de sermos missionários de fronteira. Que a vida religiosa europeia, em relação aos seus próprios problemas, tenha a coragem de ser profética. Isto não será possível sem um retorno criativo aos parâmetros fundacionais do evangelho e do carisma.

d) Pedimos, como Terceiro Mundo, que a vida religiosa na Europa se dê conta de que esse continente é o berço de um número significativo de institutos religiosos que hoje operam em todo o mundo. Ali foram dados, pelo Espírito, a homens e mulheres de outros tempos, graças especiais para o bem de seu tempo e da Igreja nele. Enraizados no evangelho, estes carismas foram fecundos. Atraíram, em sucessivas gerações, outros homens e mulheres que neles encontraram inspiração para suas vidas e para sua missão junto a muitos em tantas latitudes. Em torno a alguns carismas, criaram-se famílias religiosas e tradições espirituais. É importante que a vida religiosa na Europa não considere os carismas como um dom imobilizado no espaço e estático no tempo. Os mesmos europeus e sobretudo outros povos, no presente e no futuro, devem poder intuir, perceber, compreender e interpretar os mesmos carismas de modo distinto e dinâmico, sem desfigurá-los ou sem serem infiéis a eles. Outros povos são hoje chamados,

pela força mesma da realidade em que vivem; a buscar respostas novas para novos problemas. Contamos para isso com a Europa e dela esperamos a abertura e a compreensão para ajudar-nos, para colaborar e não reprimir ou suprimir o que é diferente e prospectivo. A acolhida e o respeito da alteridade e do novo que por ela se intui ou se propõe é fundamental para a continuidade da vida. A evolução da história europeia da vida religiosa, na trajetória do eremitério ao cenóbio, do monaquismo aos mendicantes, dos clérigos regulares às congregações operativas e de suplência social-pedagógica, revela quanto é fundamental não travar ou bloquear o processo histórico de transformação. Essa história e experiência da vida religiosa, vividas em uma sequência cronológica de longa duração, mostram bem quão profundamente foram negociados e transformados princípios e pressupostos, atitudes e convicções, que pareciam intocáveis e inegociáveis. A força imprevisível do Espírito Santo sobre os fundadores e sobre os grupos que em torno deles se formaram, revelou a fecundidade profética que transformou por dentro os moldes institucionais e culturais de inspiração e criação humanas. Sínteses novas foram e podem seguir sendo gestadas na tensão contínua e descontínua de uma fidelidade criativa. No momento, este dinamismo transformador está mais fora do que dentro da Europa. Mas estão e continuam na Europa, em boa parte, os centros de

julgamento, avaliação e decisão. É indispensável incrementar e cultivar a consciência de alteridade, como traço marcante da própria identidade. Uma nova experiência profética da vida religiosa européia frente à sua própria realidade e uma abertura sua à fecundidade potencial e insuspeitada dos carismas em outras partes pode ajudá-la a compreender a dimensão profética da vida religiosa no Terceiro Mundo. Este rumo e esta perspectiva são tão importantes quanto a generosa disponibilidade de instituições e religiosos europeus a se fazerem presentes no Terceiro Mundo e a apoiar as iniciativas que ali se desenvolvem. Que sentido terá nossa vida, nossa presença e nossa ação, em qualquer parte do mundo, se ela não for profética? Precisamos de apoio e de crítica, mas é importante que eles sejam confiantes e fraternos. Não raro a avaliação crítica vinda dos centros de decisão ou reflexão inibe o crescimento, suscita perplexidades e desperta hostilidade e ressentimento. Muitas vezes ela mata prematuramente iniciativas cheias de sentido. Nem sempre elas foram suficientemente captadas ou lhes foi negado o tempo e o ritmo de Deus que nem sempre coincide com a intempetiva pressa dos homens.

e) Pedimos, como Terceiro Mundo, que a vida religiosa européia se esforce por ser o interlocutor adequado de um diálogo novo com a vida religiosa fora da Europa e, particularmente, na América Latina. Que as instâncias eclesiais e reli-

gias na Europa nos reconheçam, a nós, religiosos em outros continentes, o dever e o direito de sermos diferentes, de buscarmos viver a vida a partir de dentro de nossas realidades e culturas, de nossas sociedades e tensões, sem negar, ignorar ou minimizar o que é nossa história e patrimônio. Num diálogo que assim se estabeleça, em base à consciência das respectivas alteridades, será possível fomentar uma revisão mais ampla das relações Norte-Sul, para além das fronteiras da vida religiosa. Que esta relação alcance todos os outros planos e áreas da vida social, cultural, econômica e política, através dos recursos humanos e institucionais de que a vida religiosa ou dispõe ou pode suscitar e canalizar pelo potencial de sua influência, reflexão e produção. Talvez, por aí, se possa entrever uma grande missão comum, uma nova aliança de sujeitos diversos, para o bem total de um mundo plural. Por aí, talvez se venha a escapar aos contrastantes jogos de poder, que tanto nos minam por dentro, como pessoas e como corporações. Talvez, por aí, se consiga projetar uma ação conjunta e articulada das Igrejas de todas as latitudes e, inclusive, das várias denominações, em momentos cruciais da história da humanidade ou em questões chave para a sua sobrevivência. Em um mundo como o nosso, que livremente pode abranger e integrar tantos aspectos e domínios da realidade e dar-se consciência disso pela mútua informação e comunicação eficiente, a vida

religiosa deve tornar-se um ator criativo e ágil. Sua influência deve passar pela irradiação de sua força participativa e solidária mais do que pelo prestígio ou imposição de qualquer forma de dominação ou de poder. A vida religiosa, nesta perspectiva, pode mesmo ser o espaço viável e até ideal para a inspiração e a concretização de um relacionamento internacional e penitencial de reconciliação, de comunhão e de vida, algo de que tanto precisa o mundo atual. Com efeito, a vida religiosa dispõe de uma estrutura pluricultural, pluriracial, plurisocial, testada e consolidada no tempo. Ela registra uma experiência, vivida em primeira mão, das realidades e da vida da humanidade em campos muito distintos. As dioceses, por exemplo, são territoriais e localizadas. São, por isso, primordialmente orientadas para elas mesmas. Podem manter e fomentar relações de entreajuda, de mútuo apoio. Mas a vida religiosa, por sua própria índole, se situa e se transcende ao mesmo tempo. Situa-se, enquanto vive em uma realidade concreta, espacial e temporalmente definida. Transcende-se, enquanto, coincidentemente o vive em diversos contextos, internacionalmente aberta e com a possibilidade constante de se auto-avaliar a partir de ângulos muito distintos, fornecidos pela própria diversidade da experiência de seus membros. Este elemento é positivo e válido até mesmo para a contribuição da vida religiosa à Igreja, como um todo. Por isso, ele nos deve alertar

também para o risco de passar de uma desejável coordenação e oportunidade administração unificada da vida religiosa, através da Igreja no centro, para uma asfixia desse respiro de comunhão, latente na índole mesma da vida religiosa e pelo qual se torna possível construir, em tantos níveis, a unidade na diversidade.

f) Pedimos, pois, como Terceiro Mundo, que se tente superar uma mentalidade eurocêntrica através de um intenso diálogo intercultural. Que se procure fomentar a inculturação no seu sentido pleno, a partir do Evangelho. Isto supõe que se vá para além da adaptação e da acomodação, da aculturação e da transculturação, quatro aproximações que marcaram a evangelização do passado e hoje ainda mantêm o predomínio do paradigma europeu e por ele se pautam. Essa superação da mentalidade eurocêntrica, não deve significar perda da identidade européia ou renúncia a ela. Pretende, porém, que o eurocentrismo deixe de ser o referencial primeiro, praticamente inquestionável e imutável de toda vida religiosa. Esse transcender a perspectiva eurocêntrica deve manifestar-se em clave cultural e social, econômica e política, religiosa e eclesial. Pela experiência colonial refletida criticamente, pela dimensão internacional e intercultural, vivida historicamente dentro da própria Europa e fora dela, a vida religiosa européia tem uma reserva significativa para ser uma instância de reflexão e para compreender a

evolução em outras partes do mundo. Neste contexto, torna-se cada vez mais imperativa uma preparação cultural e eclesial, adequada e responsável, dos religiosos e religiosas enviados da Europa para outros países. Além da generosa motivação que os possa impelir, é fundamental conceder-lhes tempo e condições para uma pedagógica inserção no universo lingüístico, cultural, social e eclesial dos povos e regiões aos quais pretendem servir apostolicamente. Em contrapartida, mas dentro da mesma perspectiva, é de todo desaconselhável a transferência de jovens religiosos e religiosas de outros países para a Europa, a fim de fazer sobreviver funcionalmente, por algum tempo ainda, obras que já não têm mais futuro ou para as quais faltam na Europa os recursos humanos. Isto vem sendo feito com a transferência para países europeus de religiosas da Índia, da Coreia e das Filipinas. É muito distinta a postura interior de quem parte livremente para evangelizar com adequada preparação e a de quem é deslocado, em resposta primordial a necessidades sobretudo funcionais e praticamente sem futuro. Assim como o Terceiro Mundo recebeu evangelizadores da Europa e deles precisa muito ainda hoje, assim a Europa pode receber pessoas consagradas que lhe vêm do Terceiro Mundo. Mas é fundamental o claro discernimento das motivações e a inspiração realmente missionária das transferências. Elas não podem ser resposta ou respaldo à timidez con-

formista que evita decisões sérias e inadiáveis no Primeiro como no Terceiro Mundo. Algo análogo deve ser dito em relação aos processos de formação sobretudo inicial. Eles não deveriam transplantar culturalmente as pessoas, sobretudo em fases incipientes de sua vida e de seus compromissos religiosos. Finalmente, e ainda na mesma chave, é urgente superar o complexo de superioridade do Primeiro Mundo no seio dos conselhos gerais. Religiosos e religiosas do Terceiro Mundo, convocados por seus capítulos gerais a participarem dos governos centrais de suas congregações, encontram-se, não raro, subestimados, humilhados e até mesmo relegados, seja devido às suas indiossincrasias culturais ou raciais de origem, seja por sua deficiência de expressão lingüística ou de sua capacitação técnica. É importante descobrir e prezar neles a vida latente e o potencial inovador, criar-lhes espaço acolhedor e descobrir a vida de que são portadores ou intérpretes.

g) A Igreja na América Latina — é o mesmo se poderia dizer de outras regiões tanto na África como na Ásia —, se percebe hoje com grande vitalidade e movimento. Isto decorre da conflitividade de desafios concretos de nossos povos, das urgências que se multiplicam e de sua percepção e respostas por nossas Igrejas locais, concretamente em Medellín e Puebla. Esta tendência continua na preparação da próxima conferência episcopal latino-americana em Santo Domingo, na Campanha da Fraternidade no Brasil, na

prioridade da Bíblia para a educação da fé, nas Comunidades Eclesiais de Base, nos planos de pastoral de conjunto, na sensibilidade às culturas oprimidas, sobretudo as indígenas e afro-americanas, na participação nas lutas do povo e na solidariedade com ele. Tudo isto vem sendo refletido teologicamente e atuado pastoralmente. Neste contexto tão cheio de vida, é impossível uma vida religiosa acomodada e medíocre, ausente dos grandes focos de risco e de perigo. Passa por aí a intuição do alcance da dimensão carismática da vida religiosa e a manifestação necessária de sua dimensão profética. É claro que, em um tal contexto, erros podem acontecer, exageros se podem manifestar. Mas é importante não rejeitar ou destruir o todo por um defeito setorial. É fundamental, sobretudo, não truncar a dinâmica, não desencorajar e, menos ainda, condenar de longe e de modo inapelável. Os erros eventuais não querem implicar infidelidade à Igreja ou à inspiração fundante dos diversos institutos religiosos. Não significam rejeição de suas instâncias superiores. São erros que decorrem mais da imperfeição ou do equívoco diante da complexidade e urgência das situações. Quase sempre esses erros podem ser corrigidos. Não se cultiva, em geral, arrogância ou auto-suficiência. Tem mesmo havido, em nossos países, sociedades e Igrejas Locais, consciência ampla e realista das dificuldades e da precariedade das situações tanto eclesiais, quanto de outras naturezas.

Conclusão

Se quisesse sintetizar quanto foi dito acima, diria o seguinte. Que os religiosos e religiosas europeus sejam autêntica e plenamente europeus, mas que eles o sejam para a desafiante Europa de hoje. Isto significa uma capacidade de relacionamento intraeuropeu. Europa 92 deverá ser, antes de tudo, uma experiência de unidade e comunhão; de interação cultural e de relações interculturais construtivas. Europa 92 deverá ser um constante exercício de releitura histórica, de conversão e de perdão diante da evidência de um passado conflitivo. Os institutos religiosos já viveram experientialmente em si mesmos muitos dos passos pelos quais caminha hoje a Europa. Eles podem ser, pois, colaboradores ativos e não só espectadores do processo.

Europa 92 será também a consolidação de um grande novo pólo de poder econômico, político e cultural no mundo. Uma nova potência surge, com incalculável alcance de influência. Os religiosos podem e devem ajudar a esta superpotência emergente a considerar sua posição não em termos de dominação ou imposição, mas de edificação da paz e da justiça, na liberdade e no diálogo, na integração de um mundo que seja novo e construa uma realidade econômica, social, cultural, política e eclesial em outras bases, visando a um mundo simetricamente interdependente e efetivamente solidário e subsidiário.

Isto supõe que a Europa não se feche em si, não se pense somente a partir de si mesma. Assim como no passado ela se lançou a dar aos outros algo de sua densidade cultural e religiosa, assim se abra hoje para receber também, ainda mesmo daqueles que lhe parecem inferiores, demunidos e pobres. Pode haver neles uma capacidade de intuição e relação, uma semente de sabedoria e de humanidade, uma ânsia de transcendência e plenitude, uma presença de vida, um conjunto de valores, enfim, que talvez se perderam ou se estiolaram no longo caminhar civilizado e racional de uma Europa autosuficiente e autocentrada.

É com esta Europa que a vida religiosa há de lidar. Há aí todo um universo a descobrir e trabalhar, transformar e ajudar a crescer, humana e evangélicamente. Isto não se fará jamais pelo ilusório e impraticável retorno a uma Europa da cristandade hegemônica. Isto não se fará pela imposição de

seus próprios paradigmas ou pela interpretação puramente eurocêntrica de situações e experiências. Isto só se fará e terá sentido pela criação de uma Europa cristãmente adulta, eticamente sadia, teológica e teologicamente enraizada no evangelho, crítica e lucidamente presente ao mundo complexo em que se encontra. Isto só se fará finalmente, pelas relações mútuas de países e povos, de sociedades e culturas, de igrejas e instituições, que pensem o mundo como um todo e nele situem organicamente, a riqueza inesgotável de povos diversos. Estes se afirmam e mutuamente se edificam na complementaridade surpreendente de suas identidades diversas.

Creio que passam por aí a expectativa e a esperança, os questionamentos e interpelações dos religiosos e religiosas do Terceiro Mundo em relação a essa velha Europa que a história insiste em relançar hoje com a utopia inesperada de uma nova juventude. (*) (**). (FIM)

NOTAS

(*) Como foi solicitado, o gênero literário deste texto é o de uma *partilha fraterna de reflexão e interpelação*. Não se trata, pois, de arguir ou persuadir, provar ou confirmar. Por isso, o autor se dispensou de adensar o texto com citações bíblicas, documentos do Magistério ou notas bibliográficas. O texto suscitará facilmente nos leitores a memória de suas experiências e a múltipla lembrança de da-

dos formais de apoio e justificação direta do que aí é proposto.

(**) Na elaboração deste texto, agradeço as sugestões e reflexões de: P. J. Edênio R. Valle SVD, Ir. Célia Cerveira SSD, Ir. Rosa Petra Mareschi MC, P. Henrique C. L. Vaz SJ, P. Ricardo Antoncich SJ, P. J. B. Libânio SJ, P. J. A. Netto de Oliveira SJ, P. M. França Miranda SJ, P. Ulpiano Vásquez Moro SJ.



Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299
20031 Rio de Janeiro, RJ

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
1 de setembro de 1991

No imediato pós-Concílio, um desafio, uma interrogação, uma questão de fundo, presente em toda a Vida Religiosa era: **Formar para quê?** Qual o objetivo último, o ponto focal a ser visado na formação inicial e permanente? Hoje não há mais dúvida a este respeito. O consenso teórico é geral embora a prática confunda. Com segurança se pode afirmar: **o objetivo último e central da formação é a MISSÃO.** E o que é a missão na formação para a Vida Religiosa?

A Vida Religiosa só se compreende a partir da MISSÃO de Jesus e de sua Igreja. O mistério mais profundo de Jesus é o seu **radical-ser-enviado** pelo Pai aos homens. O envio pelo Pai é o ser mesmo de Jesus que não pode ser compreendido senão como enviado pelo Pai em missão ao mundo. O ser de Jesus é **ser para** o Pai de quem procede e **ser para** os homens a quem é enviado. Jesus não se compreende em si e para si. Ele se compreende a partir do Outro (o Pai) que o envia e dos outros (os homens) a quem é enviado. **Tudo nele expressa e realiza esta missão** confiada pelo Pai em favor do mundo. A sua Igreja também se define e se compreende a partir da missão. Ela é uma realidade para. Não é simplesmente uma realidade absoluta tendo em si sua razão de ser. **Neste seu envio como sinal e instrumento de salvação**, prolongamento da missão de Jesus, está o constitutivo de sua profunda identidade.

Esta nuclearidade do conceito de missão na cristologia e na eclesiologia define também o **ser da Vida Religiosa.** A missão é o institutivo da identidade própria da Vida Religiosa. Fora da dimensão cristológica e eclesiológica, cujo cerne é a missão, corre-se o risco de equívocos no reto entendimento do que venha a ser a Vida Religiosa e, conseqüentemente, a formação para ela. O Religioso não pretende outra coisa que **seguir Jesus Cristo.** Segui-lo radicalmente. Abrir-se, pois, ao Outro (o Pai) e aos outros (os homens) é a medula da Vida Religiosa como o foi para Jesus. Sair de si em direção ao Pai e aos homens foi o projeto de vida de Jesus e tem que ser o projeto de toda Vida Religiosa. A missão é da essência mesma da Vida Religiosa enquanto **participação no ser enviado de Jesus**, radicalmente entregue ao Pai e radicalmente voltado para os homens. A missão se caracteriza por esta dimensão ontológica enraizada no **ser** de Jesus, no **ser** da Igreja, no **ser** da Vida Religiosa.

Formar para a missão é, pois, levar à identificação com Jesus Cristo, a uma participação no seu projeto, no seu destino, **no seu ser-enviado**, na sua abertura incondicional ao Pai, no seu compromisso radical com o Reino: os pólos centrais inseparáveis da vida de Jesus, os marcos referenciais indivisíveis do formar para a missão. **Formar para a missão:** nada de privilegiar uma abertura intimista para o Pai sem compromisso efetivo com o Reino. Nada, também, de construção do Reino, sem o Pai, como se obra humana fosse. Não é fácil.

Formar para a missão como sinônimo de **formar SÓ para o Pai**, não resolve. É incompleto. O refúgio exclusivo no calor afetivo da experiência espiritual pode revelar o vazio de uma experiência artificial. Formar para a missão não combina com o misticismo que dispensa a ação. Não se isola do mundo sem se tornar estéril. Formar para a missão como equivalente a **formar SÓ para a construção do Reino** não resolve também. Não esgota o conteúdo da missão. Formar para a missão não combina com eficientismo e ativismo social que saqueiam a pessoa e desprezam a oração. **O Pai e o Reino:** faces inconfundíveis e inseparáveis de uma só realidade que a formação para a missão buscará integrar. Apontam para uma dialeticidade a exigir adequação irreversível da totalidade histórica da pessoa à totalidade absoluta de Deus.

Difícil, não há dúvida. Mas a vontade de Deus é esta: que se saiba articular, com competência, ambos os pólos, num programa hábil de formação, capaz de atravessar os tempos, **a exemplo de Jesus**, adorador do Pai, íntimo na comunhão com ele, ocupado em alimentar-se com sua vontade, **imerso na contemplação, reformulador da história e ardente na ação.**

DEUS, que é sempre **PAI**, lhe dê aquela **PAZ** que é plenitude de bens (materiais), plenitude de bênçãos (espirituais) e plenitude de bem-estar (saúde) que só Ele, Deus, sabe pode dar e Você tanto merece. Com renovada estima e fraterna amizade, subscrevo-me,

atenciosamente

PE. MARCOS DE LIMA, SDB
Redator-Responsável/Convergência